

JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA

**X É IRÔNICO?**  
UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA DA IRONIA  
EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Lingüística de Língua Portuguesa, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cecília Inês Erthal

CURITIBA

1994

## AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Lingüística de Língua Portuguesa da UFPR que contribuíram para a minha formação lingüística.

À minha orientadora, professora Cecília Inês Erthal, pelo incentivo e compreensão.

À professora Helena Godoy, que despertou em mim o interesse pela lingüística.

Aos colegas do curso de Pós-Graduação, pelos bons momentos.

À professora Deirdre Wilson do Department of Phonetics and Linguistics - UCLondon e professor Henk Haverkate da Universiteit van Amsterdam, que gentilmente encaminharam bibliografia, ao contrário de muitos "tupiniquins" que nem sequer responderam à correspondência que enviei.

Ao professor Dimas Floriani (UFPR), que durante a sua estada na Bélgica não mediu esforços para localizar os textos que solicitei.

À CAPES, que cortou a minha bolsa de estudos tão logo assumi uma vaga de professor auxiliar na universidade, por me mostrar a realidade da pesquisa no país.

À Irene, que em 1993 me deu Marina, que está me ensinando a simplicidade da vida.

A todos os que, de um modo ou de outro, contribuíram para a concretização deste trabalho.

## SUMÁRIO

<u>RESUMO</u> .....	vi
<u>RESUMEN</u> .....	vii
<u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
1 <u>ANTIGÜIDADE - ATUALIDADE</u> .....	4
1.1 ANTIGÜIDADE .....	5
1.1.1 A Tradição Grega .....	5
1.1.2 A Tradição Latina .....	13
1.2 SÉCULOS XVII E XVIII .....	17
1.3 ROMANTISMO .....	20
1.3.1 Os Últimos Ironistas .....	25
1.4 ATUALIDADE .....	30
1.4.1 A Proposta de Grice .....	30
1.4.2 A Proposta de Haverkate .....	36
1.4.2.1 A (in)sinceridade do falante e a ironia .....	39
1.4.3 A Proposta de Sperber e Wilson .....	44
1.4.4 A Proposta de Kaufer .....	48
1.4.5 A Proposta de Muecke .....	52
1.5 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO .....	60
2 <u>X É IRÔNICO?</u> .....	63
2.1 AS CONSTANTES DO DISCURSO IRÔNICO .....	63
2.2 AS SITUAÇÕES COMPARTILHADAS .....	71

2.3 AS CONSTANTES E O TRABALHO DE LOCALIZAÇÃO DA IRO-	
NIA .....	75
2.4 O CORPUS .....	84
2.4.1 Análise do Corpus .....	90
3 <u>SACAR, EIS A QUESTÃO!</u> .....	102
3.1 GRASPING - SACAR .....	103
4 <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	111
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	115

## RESUMO

A utilização indiscriminada da palavra "ironia" para se referir aos mais variados fenômenos e a sua associação com diversas figuras de linguagem tornou-se responsável por uma enorme flutuação de sentidos para o termo e uma imprecisão na hora de apontá-lo nos enunciados. Diante disto, procuramos estabelecer determinadas CONSTANTES que prefiguram e orientam o discurso irônico para funcionar como "pontes" entre X e a audiência. Na medida em que o conjunto de condições compartilhadas entre os interlocutores é maior, mais seguramente as CONSTANTES são apontadas e a ironia localizada. Nas situações em que o conhecimento compartilhado é parcial, a audiência deve "sacar" que houve uma mudança de regras por parte de X em direção à ironia.

## RESUMEN

La utilización indiscriminada de la palabra "ironia" para referirse a los más variados fenómenos y su asociación con diversas figuras del lenguaje se tornó responsable por una gran fluctuación de sentidos para el término y una imprecisión en el momento de señalarlo en los enunciados. Delante de esto, tratamos de establecer determinadas "constantes" que prefiguran y orientan el discurso irónico para funcionar como "puentes" entre "X" y la audiencia. En la medida en que el conjunto de condiciones compartidas entre los interlocutores es mayor, más ciertamente las "constantes" son señaladas y la ironia localizada. En las situaciones en que el conocimiento compartido es parcial, la audiencia debe presumir que hubo una mudanza de reglas por parte del locutor ("X") en dirección a la ironia.

## INTRODUÇÃO

*"Ninguém erra voluntariamente".*

(Xenofonte)

O que é ironia? Que forma ela assume? Como se relaciona com os outros? Qual é o seu uso e função? Qual é a sua importância? Qual é a sua história? É encontrada em todas as culturas?

Estas e outras perguntas surgem quando nos deparamos com este fenômeno que tem atravessado séculos, trazendo fascínio e perplexidade aos que se dedicam ao seu estudo ou que a utilizam diariamente.

De Sócrates a Collor de Mello, de Quintiliano a Kierkegaard, de Vossius a Artur Roman, da eirõneia à ironia ... filósofos, retóricos, políticos, burocratas, josés e marias, todos têm feito da ironia o seu **leitmotiv**.

Utilizada maciçamente também pelos veículos de comunicação de massa, especialmente os jornais, motiva repórteres, articulistas e editores a utilizá-la sem parcimônia. O resultado é, por um lado, o emprego do conceito de forma geral, dificultando o acesso dos leitores a uma noção precisa. De outro, a utilização de noções já definidas **a priori** que remetem o conceito a uma visão dicionarizada.

O **Novo Dicionário Aurélio**, por exemplo, registra a seguinte conceituação:

Ironia. |Do grego eirōneia, 'interrogação', pelo lat. ironia|. S.f. l. Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem: Voltaire foi um mestre da ironia (...).<sup>1</sup>

Motivados pela curiosidade e pelo freqüente desafio de saber se determinado enunciado presente em texto jornalístico é ou não irônico, ensejamos este trabalho instalando nossa perspectiva do ponto de vista da recepção da ironia.

Procedemos, inicialmente, a uma abordagem diacrônica do conceito de ironia a fim de mostrar que as variadas classificações associam o fenômeno à sátira, humor, paródia, etc, ou predicam acepções vagas como ironia do destino, ironia cósmica, entre outras, que contribuem para a enorme flutuação de sentidos. Neste aspecto tomamos como base a afirmação de ARISTÓTELES:

Mas talvez nem valha mesmo a pena empreender o exame de todas as opiniões existentes, e basta considerar aquelas que gozam de maior favor ou então parecem encerrar alguma razão.<sup>2</sup>

E usamos como ponto de partida a ironia socrática, passando por Cícero, Quintiliano, Vossius, os românticos alemães,

<sup>1</sup>FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975.

<sup>2</sup>ARISTÓTELES. A ética. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|. p. 28. (Coleção Universidade).

Kierkegaard, Grice, Haverkate, Sperber e Wilson, etc, sem nos limitar a um quadro teórico específico. Obviamente escolhemos os autores mais citados e, mesmo com a falta de consenso sobre as propriedades essenciais da ironia, procuramos estabelecer, a partir do breve histórico apresentado, o que constitui o objetivo específico do nosso trabalho: as constantes que prefiguram e orientam o discurso irônico.

A utilização das constantes por parte dos leitores para determinar se X está sendo irônico, levou-nos a estipular a existência de dois grupos:

- 1º) o de leitores que compartilham com o ironista de um conjunto de condições, neste caso:
  - a) elementos lingüísticos;
  - b) conhecimento de mundo;
  - c) fatores pragmáticos;
- 2º) o de leitores que compartilham parcialmente com o ironista desse conjunto de condições. Neste caso, postulamos um modo adicional de conhecer que intitulamos **grasping** (sacar).

Dentro desta perspectiva selecionamos um corpus retirado do jornal Folha de São Paulo e a nossa proposta se encaminhou no sentido de mostrar que a partir das constantes, o primeiro grupo de leitores não tem dificuldades para o reconhecimento da ironia. O segundo grupo, por sua vez, necessitará do aporte do **grasping** para o reconhecimento.

## 1 ANTIGÜIDADE - ATUALIDADE

*The ironical man is made as well as born,  
and the speech he uses today, in moulded  
and coloured by the ironical tradition.*<sup>3</sup>

Nosso objetivo, neste capítulo, é fazer um breve histórico da noção de ironia de modo a salientar que, apesar do tratamento heterodoxo dado pelos estudiosos, da falta de consenso sobre suas propriedades essenciais e das diferentes formas que assume de acordo com o contexto em que se manifesta, a ironia mantém determinadas constantes que possibilitam o seu reconhecimento. Entendemos que esta reflexão poderá contribuir para melhor compreensão da questão e para aprofundamento de nossa hipótese teórica.

Na medida em que procuramos um desenvolvimento completo e coerente do conceito de ironia, nos convencemos de que ele tem uma trajetória marcada pela contradição. Em alguns momentos tem uma história curiosa, caracterizada pela enorme flutuação de sentidos; em outros, não deixa marca alguma, entrevendo circunstâncias em que não foi utilizado ou com sentido de tal forma obscuro que não pôde ser localizado. Seguiremos a história curiosa.

<sup>3</sup>THOMSON, J. A. K. Irony, a historical introduction. London : George Allen & Unwin LTD, 1926. p. 2.

## 1.1 ANTIGÜIDADE

### 1.1.1 A Tradição Grega

O termo ironia nos conduz aos antigos gregos, cuja literatura, além de toda uma atitude em relação à vida, foi tocada pelo fenômeno.

Historicamente sua aparição se dá com Sócrates, pois se a ironia é a determinação da subjetividade, como entendeu o filósofo KIERKEGAARD, ela tinha que aparecer onde a subjetividade ingressou pela primeira vez na história universal:

Com efeito, a ironia é a primeira e a mais abstrata determinação da subjetividade. Isto aponta para aquela virada histórica em que a subjetividade pela primeira vez apareceu, e assim nós chegamos a Sócrates.<sup>4</sup>

Invenção grega ou não, partimos do mestre ateniense para indicarmos a antigüidade do fenômeno e assinalá-lo como algo que percebemos e praticamos.

Tradicionalmente associada ao conceito de Maiêutica de Sócrates, a ironia vai se generalizar nos diálogos platônicos. Apesar de Sócrates ser considerado um dos maiores pensadores da história da humanidade, só o conhecemos pelo testemunho de seus discípulos e pela lenda que se formou em torno de sua existência. É pelos relatos de Xenofonte e Platão que Sócrates é representado, e se representa, como um homem superior que des-

<sup>4</sup>KIERKEGAARD, S. A. O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates. Petrópolis : Vozes, 1991. p. 229.

mascara as certezas dos sofistas ao desarticular, através de perguntas sucessivas, o seu sistema de idéias.

Sua tática argumentativa é sustentada pela dissimulação, o que na tradição da hermenêutica se traduz por fingir-se de ignorante e ingênuo, para conduzir seus interlocutores para onde os quer levar. Partindo de respostas aparentemente simples que davam seus interlocutores a qualquer de suas perguntas, decompunha seus elementos para levar aquele que estava tão seguro de seu saber a reconhecer a sua fraqueza.

Sócrates não era apenas um questionador. Sua filosofia era antes de tudo uma moral. Essa moral, contudo, Sócrates não se contentava em pregá-la, queria obrigar seus concidadãos a adotá-la:

Não tenho outra finalidade ao andar pelas ruas a não ser vos persuadir, jovens e velhos, de que não convém se entregar ao corpo e às riquezas e se dedicar a eles com o mesmo ardor do aperfeiçoamento da alma. Eu vos repito que não são as riquezas que propiciam a virtude, porém que é da virtude que provêm as riquezas e tudo o que é vantajoso, seja para os indivíduos, seja para a cidade.<sup>5</sup>

Desta forma, a dissimulação socrática estava ligada a um propósito pedagógico e filosófico. E, qualquer que seja esse propósito, só pode ser entendido se confrontado e integrado ao esquema cultural da época, onde vicejavam os ensinamentos dos sofistas. Não nos aprofundaremos nesse aspecto, apenas, que a Sofística visava ser a Ciência da Vida Prática e envolvia estudos diversos, restringindo-se, porém, na prática, ao estudo da retórica.

<sup>5</sup>MOSSÉ, C. O processo de Sócrates. Rio de Janeiro : Zahar, 1990. p. 86.

A arte da discussão e da argumentação (Erística), constituía o interesse principal da Sofística. Concretamente, os seus resultados eram quase sempre disputas absurdas ou paradoxais, denotando a própria opção filosófica dos sofistas pelo cepticismo, a partir do qual é possível sustentar sobre qualquer assunto duas proposições contraditórias. Os sofistas tinham como preocupação o domínio da palavra. O seu objetivo não era o de convencer, mas o de vencer.

A leitura dos **Diálogos** de PLATÃO<sup>6</sup> revela algumas das técnicas discursivas e oratórias Sofísticas. Entre elas, o interrogar sob forma negativa a fim de induzir o interrogado a responder o contrário do que a pergunta parece favorecer. Ou, simultaneamente, perguntar sob a forma negativa e afirmativa como se a resposta fosse indiferente. Também, utilizar da ambigüidade, evitando a precisão do assunto, etc.

Nesse quadro de idéias, onde a dissimulação, a ambivalência e a alternância de perguntas e respostas são freqüentes, que inserimos o procedimento socrático, que não deixa de ter estreita afinidade com as técnicas sofísticas.

Sócrates é apresentado por Platão como aquele que sabe interrogar e responder e que, experimentando as teses de seu interlocutor, refuta as objeções que se opõem às suas. A dialética socrática encampa os mesmos riscos das discussões Sofísticas: a ambigüidade, a falta de nitidez apontando para direções contraditórias. A diferença se encontra na finalidade buscada pelo mestre ateniense: a busca do verdadeiro conhecimento.

<sup>6</sup>PLATÃO. Diálogos. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|. (Coleção Universidade).

Na realidade, o que Sócrates buscava era o erigir de uma Nova Ciência onde o Objeto fosse o Homem e o Método a Maiêutica.

*"Todavia, quando dois bons amigos, como eu e tu conversam, a resposta deve ser dada com maior doçura e mais de acordo com o espírito da conversão".<sup>7</sup>*

Ao obrigar o interrogado a tirar de si mesmo a verdade procurada, o aflorar de conhecimentos latentes, Sócrates estabelecia um recorte em relação aos sofistas, que tinham como objetivo final o de prender o interrogado nos liames de sua própria confusão. Sócrates visava a reflexão; os sofistas, a irreflexão.

Em BARTHES<sup>8</sup> encontramos Platão falando de duas retóricas, uma boa e outra má. Uma seria a retórica dos retores, das escolas de Górgias, dos sofistas. A outra, a filosófica ou ainda a dialética. A primeira tem como objetivo a ilusão; a segunda, a verdade. Platão a chama de psicagogia, formação das almas pela palavra.

Fundamentalmente, em Sócrates há a instauração do diálogo sob o signo da abertura espiritual, fazendo com que o modo do discurso resida na interação entre o mestre e o discípulo; nos sofistas, a mera intenção de vencer, sem a preocupação de convencer.

<sup>7</sup>Resposta de Sócrates a Mênon (In: PLATÃO, 1973, p. 76): a conversão, ou dialética, é o método por excelência de Sócrates. Processa-se em dois tempos: a **ironia**, em que se indica o erro do interlocutor e a **maiêutica**, processo pelo qual o interlocutor é obrigado a tirar de si mesmo a verdade procurada.

<sup>8</sup>BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. Novas perspectivas em comunicação. Pesquisa de Retórica, 1975. p. 154.

O ponto de partida para a definição da ironia socrática parece ser a sua própria reflexão: ser o único a saber que a sua sabedoria não é nada. O que nos conduz a: se a incredulidade socrática refere-se à confissão de ignorância, isto é, à afirmação de que nada sabe, vemos que tanto pode ser irônico fingir saber quando se sabe que não se sabe, como fingir não saber quando se sabe que se sabe. A ironia em Sócrates será sempre o auto-exagerar, assumindo características como a ignorância, deferência, complacência, ingenuidade, super-entusiasmo para aprender e dificuldade para entender.

MUECKE<sup>9</sup> chamou a dissimulação socrática de auto-depreciação e ela foi a saída encontrada para superar o cepticismo, transformando-o em um processo libertador e construtivo por meio da reflexão.

*"Na ironia auto-depreciativa, o ironista também veste uma máscara, mas é uma máscara que funciona positivamente como um disfarce ou persona."*<sup>10</sup>

Alguns estudiosos são intransigentes na defesa da ironia como método de pesquisa de Sócrates, outros destacam a tradição sofística em que o discurso do mestre ateniense vem inserido.

Dentro desta perspectiva, OLIVEIRA<sup>11</sup> afirma que há uma íntima ligação entre a ironia e a Sofística, a partir da qual

<sup>9</sup>MUECKE, D. C. Irony. London : Methuem, 1970. p. 56.

<sup>10</sup>MUECKE, p. 56.

<sup>11</sup>OLIVEIRA, Ana ;. D. C. de M. Contribuição para o estudo da ironia em uma Campanha Alegre de Eça de Queiroz. Campinas, 1990. p. 38. Tese (Mestrado) - UNICAMP.

se legitima uma concepção ampla de ironia como técnicas de argumentação dos sofistas:

1. discurso longo, tortuoso, confuso, capcioso;
2. jogo de palavras, sofismas;
3. exagero discursivo;
4. confundir ou criar confusão mediante a palavra;
5. astúcia ou dissimulação verbal;
6. sutileza excessiva;
7. persuadir pela palavra;
8. refutar as verdades mais evidentes;
9. simulação, ilusão, arte de criar imagens destituídas de valor de verdade;
10. engano.

Em nosso entendimento, a origem insofismada e exclusiva da ironia está em Sócrates. Era o filho de Sofronisco e Fenareta, ao contrário dos sofistas, que se preocupava em apontar os erros dos interlocutores. O seu ponto de vista, que a tradição nos tem legado, indica que o mestre ateniense, como nenhum outro na antigüidade, soube captar a multiplicidade de aspectos da existência e aglutiná-los em torno de um propósito moral e filosófico.

A discussão, ancestral, se é possível ou não estabelecer uma definição linear para a ironia socrática não nos importa. Importa-nos saber que, partindo das técnicas Sofísticas, não se esgota nelas - transcende-as; e com isso a ironia faz a sua entrada triunfal no mundo.

A ironia socrática é a única forma de dissimulação que é simultaneamente instintiva e deliberada. É impossível influenciá-la ou traí-la. Aquele que não

possui a ironia socrática irá achá-la uma perplexidade mesmo após as mais claras explicações. Deve enganar somente aquele que pensa que isto é uma decepção e que procura obter prazer na esplêndida imoralidade de tornar-se o melhor de todo o mundo ou tornar-se furioso quando suspeitar, repentinamente, que ele próprio faz parte do jogo. Nesta ironia tudo deve estar em alegria e profundamente dissimulado. A ironia socrática eleva-se para fora da união do sentido da vida como uma arte e do espírito de aprender uma ciência; para fora de uma conjunção perfeita da filosofia natural e da filosofia da arte. Contém e inspira um sentido de irresolvível conflito entre o absoluto e o contingente, entre a impossibilidade e a necessidade da plena e completa comunicação. É a mais liberal de todas as permissões porque permite a alguém transcender-se a si próprio e, ainda, é também o que mais retém a si, porque é absolutamente essencial (...).<sup>12</sup>

A primeira grande mudança no sentido de uma especialização do termo veio com Aristóteles. O campo de ação da ironia se restringe e, de uma técnica ligada à retórica, passa a descrever um modo de comportamento, embora ainda ligada com o falar.

A simulação,<sup>13</sup> por exemplo, passa a ser a característica essencial da ironia e, mesmo com uma tendência do termo em precisar-se, ainda apresenta oscilações de sentido, como o de

<sup>12</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony. London : Methuen, 1969. p. 195.

<sup>13</sup>A **simulatio** apresenta-se como um fingimento hipócrita em conformidade com a opinião da parte contrária e é a principal forma retórica da ironia. Distingue-se da **dissimulatio** que é a ocultação ou substimação da própria opinião, evitando toda opinião própria por meio da parcimônia dos meios expressivos.

subvalorizar uma realidade externa ao sujeito, que em nosso entendimento se aproxima da ironia situacional.

Esta postura é a mesma defendida por Demóstenes, que considerava um **Eiron** alguém que se esquivava de suas responsabilidades como cidadão, fingindo incapacidade. Ou a de Teofrasto, para quem um **Eiron** era uma pessoa evasiva, ambígua e não-confiável. Alguém que mantivesse secreta sua hostilidade, mudando os seus atos e nunca dando uma resposta direta. Este tergiversar, refere-se a uma ação prática, a uma situação: "(...) *ironia, dissimulação para o mal por atos e palavras (PROSPOÏESIS EPÏ KEIRON PRAXEÏON KAI LÏGON)*".<sup>14</sup>

O espírito científico aristotélico valoriza as evidências em detrimento das sutilezas ou das indagações. A classificação substitui a especulação. A pergunta era substituída pela dissertação e o diálogo pelo manual. Nesse contexto, insere-se a ironia.

Aparentemente há um depauperamento da noção socrática, mas o que ocorre é a substituição da retórica divisional de Platão pela retórica silogística. A exposição através de premissas substitui o diálogo socrático. Mestre e discípulo, que estabeleciam um pensar a dois, são substituídos pelo raciocínio silogístico de um. A ironia permanece vinculada à vida prática, mas abandona-se o caráter pedagógico ligado ao debate e à arte do discurso.

Estabelece-se, concretamente, a partir de então, duas correntes que influenciarão o pensamento helenístico-romano:

<sup>14</sup>KIERKEGAARD, p. 281.

uma seguindo a tradição socrática-platônica e a outra a definição de Aristóteles e Teofrasto.

### 1.1.2 A Tradição Latina

Após a conquista da Macedônia (186 a.C.), a Grécia torna-se efetivamente parte do Império Romano. Começa, portanto, a influência helenística sobre o mundo latino. Surgem as escolas de retórica, que ocupam um lugar de destaque com as normas de excitação da eloquência, o fim supremo da educação romana, segundo o espírito prático e político desse povo. Cícero e Quintiliano fazem sua aparição na história.

Cícero era pouco inclinado à especulação. Não se interessava pelos profundos problemas da metafísica, mas sim pelas regras práticas que possam orientar a vida. Exímio retórico, ensinava que o bom orador desempenhava um papel de suma importância na vida pública. "*A perfeita oratória é moderadora e sãbia*".<sup>15</sup>

Na época de Cícero existiam três correntes entre os oradores. Hortênsio e outros, seguiam a Escola Asiática, de estilo pomposo e floreado. M. Bruto, Catão de Útica, Júlio César, representam a Escola Ática e viam o estilo ideal na linguagem sóbria e austera do orador grego Lísias. Cícero ocupa uma posição intermediária. Servia-lhe de exemplo a eloquência de Ésquines e Demóstenes.

Caracterizar o estilo pessoal de Cícero não constitui o nosso propósito. O que pretendemos é mostrar que apesar dos

<sup>15</sup> HARSEM, Bernardo. Cícero, antologia. Petrópolis : Vozes, 1959. p. 11.

exemplos gregos seguidos, há uma mudança de perspectiva no que tange à ironia.

Em latim, uma das primeiras referências ao termo é feito por CÍCERO em **De Oratore**. Ao tratar dos gêneros que se movem mais superiormente ao riso, estuda os ditos ambíguos tidos como argutos e que podem aparecer no discurso sério ou não. Analisa as diversas formas de ambigüidade e dissimulação próprias da imitação e da paranomásia.

Em seus estudos menciona três qualidades principais do bom orador: talento, prática e conhecimento teórico. É dentro desse enfoque que vai se ocupar demoradamente com as estratégias oratórias que versam sobre os equívocos provocados pelas palavras, destacando a sua função de promover o ridículo e o riso, por meio da distorção ou da inversão. Alterações que não afetam o sentido das sentenças ou o discurso, pois o orador se afasta dos seus modos habituais pela mudança de atitude, voz e expressão corporal.

Um só único modo de vos informar estou vendo: exporei simplesmente o fato, o qual em si mesmo tem tanto peso que não precisa de minha eloqüência, que é nenhuma.<sup>16</sup>

Esta dissimulação ainda não é a ironia, a que se referirá como gênero de muito bom gosto, juntando nele o picante ao grave, e que convém tanto à maneira de falar dos oradores quanto à conversação familiar das pessoas da sociedade.

<sup>16</sup> CÍCERO, M. T. Obras. São Paulo : Cultura, 1942. p. 402.

Dois aspectos fundamentais, no entanto, já se destacam como tentativas de especificação do ato irônico: a troça e um fator retórico (falar de modo diferente do que se pensa e que define a ironia como divergência entre pensamento e discurso).

Teremos em Cícero uma ironia com o estatuto de figura e o seu emprego basicamente a nível de eloquência retórica.

QUINTILIANO fala da ironia quando aborda os Tropos (Dos Tropos, terceiro grau do ornato):

A segunda espécie de alegoria, pela qual se mostra o contrário do que se diz, é a Ironia chamada Irrisão. Ela se dá a conhecer, ou pelo tom com que se fala, ou pelo caráter da pessoa, ou natureza da coisa de que se fala. Pois sendo qualquer coisa destas diferentes das palavras, bem se vê que, o que se quer dizer, é o contrário do que se diz. Ora, de muitos modos acontece ser o que se diz contrário ao caráter da pessoa de quem se diz. Porque, o que, dito de outro modo seria de veras, pela Ironia nos é concedido, ou vituperá-lo debaixo da aparência de louvor, ou louvá-lo debaixo da aparência de vitupério (...). Algumas vezes com um riso insultante se diz o contrário do que queremos que se entenda (...).<sup>17</sup>

Há em Quintiliano um progresso em relação a Cícero, pois estabelece uma definição analítica para a ironia: dizer o contrário do que se quer fazer entender. Faz uma relação muito mais completa dos índices da ironia, relacionando-os com a pronúncia, o riso, a circunstância do discurso e a discordância entre o que se sabe da pessoa e a circunstância do discurso ou da natureza do objeto de que se fala. A relevância dada ao contexto do discurso é freqüente em sua obra.

<sup>17</sup>QUINTILIANO, M. F. Instituições oratórias. São Paulo : Cultura, 1944. v.2, p. 122.

Aristóteles julga importante ver o lugar onde qualquer é louvado ou vituperado. Porque é muito necessário conhecer os costumes dos ouvintes e as opiniões que entre eles correm, para assim regularmos o discurso e fazer-lhes crer, que as coisas que eles têm por louváveis, se acham nas pessoas que elogiamos; ou que aqueles que eles detestam, se acham naqueles que vituperamos.<sup>18</sup>

Quintiliano não considera próprio o termo dissimulação aplicado à ironia, remetendo a explicação para a figura do orador e entende que a ironia, considerada como figura, difere da ironia considerada como tropo, embora em ambos os casos seja necessário compreender sempre o contrário do que se diz. O tropo, além de ser mais curto é menos disfarçado. A figura, ao contrário, exige que se finja pensar o que não se pensa, mas de um modo que é mais aparente do que verdadeiramente denunciado.

A contribuição de Quintiliano foi a de registrar uma noção ampliada de ironia que incorpora o conceito grego de dissimulação, sempre ligado a Sócrates, e à inversão semântica de Cícero, respectivamente com o estatuto de figura e de tropo.

As interpretações diferenciadas entre Cícero e Quintiliano nos parecem justificadas pelas diferentes orientações: Cícero, jurista, tem a ironia inserida dentro de um plano de argumentação e persuasão que coloca em primeiro plano o ato de dissimular.

Em Quintiliano, mestre da retórica, mais interessado em ensinar o uso do discurso, a ironia se insere a nível de alegoria, sendo fundamental, portanto, a noção de figura.

<sup>18</sup>QUINTILIANO, p. 118.

A concepção de Quintiliano, onde a ironia é entendida a nível de uma retórica como o estudo e repositórios das figuras é o ponto de vista que prevalecerá, mas restringindo-se ainda mais a uma definição de ironia como tropo.

## 1.2 SÉCULOS XVII E XVIII

*We cannot use language maturely until we are spontaneously at home in irony.*

A obra de J.A. K. THOMSON<sup>19</sup> é uma referência para o estudo da ironia na antigüidade e o trabalho de Norman KNOX<sup>20</sup> uma panorâmica da utilização da ironia entre 1500 a 1755. Notadamente, escritores e retóricos europeus retomarão as linhas da retórica latina nos séculos XVII e XVIII. Os sentidos da palavra ironia e suas posições refletirão as dúvidas herdadas dessa tradição.

Na Inglaterra, por exemplo, houve ampla utilização de palavras como **rally**, **banter**, **roast**, **quiz**, etc<sup>21</sup> que ajudaram a reforçar a noção de ironia como recurso literário.

SHAKESPEARE (1564-1616), chamado por Kierkegaard de "O Grão-Mestre da Ironia", vai utilizá-la como condição permanente de toda e qualquer produção artística, que permite ao autor estabelecer um distanciamento em relação à sua obra, sem que o conteúdo essencial se torne fugaz.

<sup>19</sup>THOMSON (1926).

<sup>20</sup>KNOX, Norman. The word irony and its context, 1500-1755. Durham : Duke University Press, 1961.

<sup>21</sup>Respectivamente: ridicularizar, gracejar, censurar, caçoar.

Entre os retóricos, as hesitações não serão menores. Limitaremos-nos a algumas citações, ressaltando o trabalho de Gérard-Jean VOSSIUS (1577-1649).

PELLETIER, citado por LE GUERN, por exemplo, tenta sintetizar em sua obra as duas noções de Quintiliano numa única noção de tropo:

A ironia trabalha por meio de palavras individuais, desviadas de seu sentido original para o sentido contrário. Este tropo é percebido, ou pela natureza da pessoa ou do assunto de que se trata. Quando ambos estão em desacordo com as palavras, percebe-se que o orador teve outra intenção.<sup>22</sup>

LE GUERN cita DU MARSAIS (1730), para quem a ironia diz respeito à inversão semântica:

Na ironia, as palavras utilizadas pelas pessoas não devem ser consideradas em seu sentido próprio, pois esta figura opera pelo contrário do que se diz.<sup>23</sup>

Para CLAUSIER, também citado por LE GUERN, a ironia está inserida na arte do gracejo:

Na ironia se faz entender algo diferente do que significam as palavras. E toda arte do gracejo consiste em não revelar senão uma parte daquilo que é chocante.<sup>24</sup>

<sup>22</sup>LE GUERN, A. Eléments pour une histoire de la notion d'ironie. Linguistique et Semiologie, v. 2, p. 54, 1976.

<sup>23</sup>LE GUERN, p. 55.

<sup>24</sup>LE GUERN, p. 56.

Historiador e retórico holandês, VOSSIUS publica em 1606 o *Commentariorum Rhetoricorum Sive Oratoriarum Institutionum*<sup>25</sup> que marca uma etapa importante dentro da reflexão retórica sobre o problema da ironia:

A ironia, de um lado a outro do que é dito se compreende pelo contrário. Reconhece-se a ironia pelo tom do orador ou pela apresentação da natureza do que é dito.<sup>26</sup>

VOSSIUS reconhece que os retóricos utilizam o termo ironia de modo diferente dos escritores. Para os literatos, a ironia é associada à dissimulação (*dissimulatio*). Para os retóricos, o oblíquo não significará o contrário, mas sim o que a sua etimologia indica. Ironia provém do verbo EÏREÏN (dizer), mas, literalmente, o termo significa um dito chistoso. Pelo emprego da ironia diz-se alguma coisa, embora não se represente concretamente o que os termos signifiquem primitivamente. Desta forma, a ironia é associada à figuras de pensamento ou a tropos.

Os méritos de VOSSIUS se prendem ao fato de ter abordado em seu trabalho a maior parte dos debates posteriores de uma ótica retórica ou poética, que podem ser assim resumidos:

A ironia é um tropo ou uma figura de pensamento? Se, um tropo, é fundamental ou derivado? Possui, por conseguinte, marcas específicas e assinaladoras, uma retórica observável? A ironia está sempre ligada a uma con-

<sup>25</sup>VOSSIUS, Gérard-Jean. In: *Poétique, Revue de Théorie et D'Analyse Littéraires*, Paris, v. 36, p. 495-508, 1978.

<sup>26</sup>VOSSIUS, p. 498.

tradição ou pelo contrário semântico? É preciso dispor a contradição entre o posto e o pressuposto, entre um sentido primeiro e um sentido segundo, entre as palavras e a realidade? Onde situar a ironia no âmago de uma tipologia do discurso?<sup>27</sup>

As indagações de VOSSIUS são uma tentativa de sistematização da ironia que, ora utilizada em associação à dissimulação, ora às figuras de pensamento ou aos tropos, tem representado uma enorme flutuação de sentidos para o termo. Esta não-delimitação vai se tornando característica e vamos encontrar, ainda, a ironia ligada a noções como ilusão, simulação, alegoria, inversão semântica, etc.

Se, por um lado, temos uma situação anacrônica, por outro (quanto à teorização do nível de receptividade), temos um relativo progresso que resulta em vários índices da ironia: as circunstâncias do discurso, o conhecimento da pessoa ou do objeto de que se fala, o tom de voz, o riso, a expressão gestual. De uma certa forma, esses índices inserem a ironia dentro de uma visão pragmática, objeto do nosso trabalho.

### 1.3 ROMANTISMO

Novos conceitos de ironia surgiram no fermento da especulação estética e filosófica que fizeram da Alemanha por muitos anos o centro da intelectualidade européia. Friedrich Schlegel, August Schlegel e Karl Solger são os novos ironistas.

<sup>27</sup>VOSSIUS, p. 496.

Com o romantismo há uma aparente retomada da tradição socrática, pois em seu aspecto teórico a ironia estabelece um desacordo entre idéia e realidade, entre realidade e idéia; no aspecto prático, entre possibilidade e realidade, entre realidade e possibilidade.

A postura romântica tinha um esforço específico para a ironia, que era o de suprimir toda a realidade e pôr no seu lugar uma realidade que não é nenhuma.

Isto, no entanto, tem mais a ver com a ideologia do romantismo do que com a ironia socrática. SILVA afirma: "*a arte romântica é a expressão de uma misteriosa e secreta aspiração pelo Caos incessantemente agitado a fim de gerar novas e maravilhosas coisas*".<sup>28</sup>

Com Friedrich Schlegel a ironia terá um uso estético e não meramente retórico. STROHSCHNEIDER-KOHR<sup>29</sup> diz que a ironia romântica é a quintessência de uma dialética artística e o expediente da arte em se auto-representar. E isto vai se mostrar de modo ambivalente em F. Schlegel, que apresenta no debate literário uma noção filosófica de ironia e não estabelece uma distinção clara e definitiva entre a ironia como princípio filosófico e metafísico da ironia como fenômeno de estilo literário.

Schlegel não chama a ironia de ironia romântica. Em todos os trechos de sua obra em que emprego o termo comenta a ironia de Sócrates, com a sua urbanidade sublime, sem qualquer

<sup>28</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da literatura. 3. ed. Coimbra : Almedina, 1973. p. 471.

<sup>29</sup> STROHSCHNEIDER-KOHR<sup>29</sup>. In: Beda Alemann: de l'ironie en tant que principe littéraire. p. 387.

aplicação moderna. Conforme WELLEK<sup>30</sup>, somente a crítica sobre Wilhelm Meister (1798) e **Gespräch über die Poesie** (1800) dão-lhe um sentido no contexto da época.

Para ele, todos os acontecimentos, as pessoas e a vida devem ser concebidos e representados como um drama. Neste aspecto, a ironia é associada ao paradoxo.

O reconhecimento de que a vida, o mundo, em sua essência é paradoxal, faz com que apenas uma atitude ambivalente possa apreender a sua totalidade contraditória. A luta entre o absoluto e o relativo, a consciência simultânea da impossibilidade e a necessidade de uma descrição completa da realidade vai estabelecer uma relação de duplicidade entre o autor e a obra: o escritor se colocando acima e à parte a fim de manipulá-la à vontade.

A ironia é a consciência total do Caos infinitamente pleno, do mundo escuro e inexplicável, mas também é, em grande medida, auto-consciente, pois a ironia é auto-paródia, buffoneria transcendental, que paira acima da arte, da virtude e do gênio.<sup>31</sup>

Temos uma associação da ironia com uma poesia da poesia ou, uma poesia transcendental, que para Schlegel está presente nas obras de Goethe e Dante. Se, por um lado, Schlegel vê na ironia a objetividade, superioridade completa, despreendimento, manipulação do assunto, por outro, a sua teoria se presta facilmente a uma interpretação subjetivista.

<sup>30</sup> WELLEK, René. História da crítica moderna. São Paulo : Herder, 1967. p. 13.

<sup>31</sup> WELLEK, p. 13.

Apesar das críticas feitas posteriormente pelo filósofo Kierkegaard, que considerava a posição de Schlegel uma adesão à filosofia do ego de Fichte,<sup>32</sup> a ironia em sua obra é um elemento de auto-consciência e combina-se com requisitos diversos como o mito ou o símbolo.

Esta estranha combinação da ironia revela a procura desenvolvida por F. Schlegel de um novo mito, filosófico e irônico, conscientemente elaborado.

August Schlegel encarava a ironia como o equilíbrio entre o sério e o cômico, o material e o imaginário:

A ironia ... é uma espécie de denominação estreitamente conectada com a sua própria representação, e expressa mais ou menos distintamente, mudando intensamente entre o material e o sentimental, e por meio da qual o estado de equilíbrio é novamente restaurado.<sup>33</sup>

Solger, por sua vez, reforça a idéia de que toda a arte é ironia e paradoxo. Este conceito é apreendido a partir da contradição existente no próprio universo. A atitude irônica implica que há nas coisas uma contradição básica e do ponto de vista da nossa razão, um irremediável e fundamental absurdo. As bases para este conceito repousam nas contradições aparentemente fundamentais e irresolvíveis que confrontam os homens

<sup>32</sup>Para Fichte, o EU constitui a realidade primordial e absoluta, tal como a consciência de si representa o princípio absoluto do saber. O EU fichtiano afirma-se a si próprio, revelando-se como EU absoluto, pois a sua essência consiste unicamente no fato de se afirmar ele próprio como sendo, e como EU puro não pressupõe um objeto para se realizar, mas que cria esse objeto no próprio ato de se realizar.

<sup>33</sup>MUECKE, D. C. Irony, p. 18.

quando eles especulam sobre temas como a origem e o propósito do universo. Os conflitos entre razão, emoção e instinto. O objetivo e o subjetivo. A sociedade e o indivíduo. O relativo e o absoluto. O humano e o científico.

O clima fértil para as especulações filosóficas em toda a metade dos séculos XVII e XVIII, tornou o homem mais consciente das desigualdades. Afinal, a idéia da inexistência de um conflito radical entre o homem e a natureza, defendida pela teologia cristã, perdia gradativamente o seu poder.

Em Solger vamos encontrar a ironia de Shakespeare, isto é, a mais alta objetividade do artista e a conciliação dos opostos, do consciente e do inconsciente, do espírito e da contemplação: "*(...) Tudo o que nós cremos conduzir para além das metas finitas não passa de vã e vazia químera*".<sup>34</sup>

Essa suprema objetividade, o seu ponto de vista irônico, estipula que o homem enquanto viver neste mundo cumprirá tão somente a sua destinação. A busca do infinito não o conduzirá a nada, a não ser ao indeterminado e ao vazio.

A divergência da ironia romântica com a socrática se dá quanto ao sentido do conhecimento proposto por ambas as partes. Em Sócrates há um elemento positivo dado pela busca de uma ciência centrada em novas bases. Nos românticos, a negação de todo o conhecimento que não seja o entendimento das próprias limitações. A função heurística é substituída por uma função niilizante de negação de tudo que não seja a própria contradição. Se há uma aparente ligação estabelecida pelo idealismo filosó-

<sup>34</sup>KIERKEGAARD, p. 213.

fico romântico, que representa o conflito existente no EU como uma tentativa constante de superar o condicionamento no relativo, esta é desfeita pela transformação do EU em Medida do Universo, que está em clara oposição à posição socrática que tinha na desconfiança de si e do conhecimento do mundo o seu ponto de partida.

Com o romantismo a ironia passou de figura ou tropo de retórica para categoria metafísica, servindo a base e força motriz ao dualismo romântico, vindo a constituir-se em técnica fundamental de organização do texto, concernente a uma visão de mundo e do autor.

### 1.3.1 Os Últimos Ironistas

Sem observar uma cronologia estrita, citamos Thomas Mann, cujo conceito de ironia remonta a Schlegel:

A ironia é uma possibilidade de configuração artística caracterizada pelo distanciamento. Esse distanciamento permite o aflorar de uma consciência crítica que, rompendo o universo ficcional, reflete sobre o processo de criação da obra (...).<sup>35</sup>

Para Thomas Mann, a arte épica é uma arte apolínea, isto é, associada a Apolo, Deus do distanciamento, da objetividade, da ironia. Encara a objetividade com e como irônica; o espírito da arte épica como o espírito da ironia.

<sup>35</sup>RÖHL, R. A ironia - traço estilístico em Thomas Mann. Revista Letras, Curitiba, n. 39, p. 228, 1990.

No final do século XVIII, a idéia de paradoxo é recolocada em uma posição central na história recente do conceito de ironia.

THIRWALL<sup>36</sup>, nessa época, vê uma ironia dialética, a estratégia irônica de Sócrates, e uma ironia prática que, como seu nome indica, é independente de todas as formas de discurso e pode ser encontrada na vida. A sugestão que se apresenta, ou se reapresenta na história, é a de que a ironia pode existir na atitude de um observador ou na situação observada.

A tese do filósofo KIERKEGAARD, "*O Conceito de Ironia Constantemente Referido a Sócrates*", é um exemplo de ambigüidade. Pode-se falar até de dois trabalhos distintos na mesma: um sobre Sócrates e outro sobre o romantismo. Mas, é preciso observar que para VIGILIUS<sup>37</sup>, a dualidade se dá entre o fenômeno e o conceito.

Kierkegaard não propôs, inicialmente, um conceito para a ironia, orientando-se mais no terreno do fenômeno. Posteriormente, fará um aporte na via conceitual ao admitir que o ponto de vista característico de Sócrates é ironia.

Ao admitir isto estipula duas formas de aparição da ironia. A primeira vez na antigüidade grega e, posteriormente, de forma que a subjetividade se faz valer de uma forma mais alta. Isto nos reorienta historicamente, reportando-nos ao desenvolvimento que a filosofia experimentou em Kant e se completou em Fichte. Esta idéia de consciência subjetiva potenciada toma

<sup>36</sup>THIRWALL, A. Na ironia de Sófocles. In: MUECKE, p. 21-22, 1970.

<sup>37</sup>Pseudônimo latino empregado freqüentemente por Kierkegaard.

ciência da ironia e a declara como seu ponto de vista. Isto aconteceu também com Schlegel, que procurou fazer a ironia valer em relação à realidade; em Solger, que tomou consciência dela estética e filosoficamente.

Para KIERKEGAARD, o conceito de ironia no período posterior a Fichte foi especialmente valorizado e encontrado com freqüência. Repetidamente sugerido e pressuposto.

Mas, se alguém procurar um claro desenvolvimento este será em vão: em todos os seus sistemas, a cada passagem onde poderíamos ver a ironia desenvolvida, vêmo-la apenas mencionada.<sup>38</sup>

E, tendo o conceito de ironia recebido significações tão diversas, o importante é não utilizar-se dele de modo arbitrário, ou seja:

É importante que, recorrendo à linguagem universal, observemos que as diferentes significações assumidas pelo conceito ao longo do tempo se subordinem todas a ele.<sup>39</sup>

Em seu entendimento, apesar da flutuação de sentidos, a ironia sempre se fez notar e uma definição do fenômeno se faz presente no discurso retórico por meio de uma figura que tem o nome de ironia e cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa. É importante observar que para Virgilius, o pensamento, o sentido mental, é a essência. A palavra é o fenômeno. De um certo modo há uma retomada de Platão, para quem todo pensar é falar.

<sup>38</sup>KIERKEGAARD, p. 213.

<sup>39</sup>KIERKEGAARD, p. 214.

Outra determinação da ironia em seu trabalho é a do Sujeito Negativamente Livre, ou seja:

Quando ao falar eu tomo consciência de que o que é dito por mim é a minha opinião e que o enunciado é uma expressão adequada de minha opinião, e quando eu pressuponho que aquele para quem eu falo tem no enunciado a minha opinião total, então eu estou amarrado pelo enunciado, isto é, eu estou nele positivamente livre (...). Quando, ao contrário, o enunciado não corresponde à minha opinião, eu estou livre em relação aos outros e a mim mesmo.<sup>40</sup>

E aparecer na figura de uma relação de oposição, mostrando-se diante da sabedoria transbordante como ignorante e ao mesmo tempo ávido para aprender e demonstrando tanta boa vontade que o dono da verdade não relutará em deixar penetrar os seus domínios.

Daí que Kierkegaard concebe, como Sócrates, que tanto pode ser irônico fingir saber quando se sabe que não se sabe, como fingir não saber quando se sabe que se sabe.

Em todos esses casos, a ironia se mostra como aquela que compreende o mundo, que procura mistificar o circundante, não tanto para ocultar-se quanto para fazer os outros se revelarem.

O que se percebe é que a dualidade entre o conceito e o fenômeno ocupa toda a digressão de Kierkegaard sobre a ironia. Por um lado ela tem um caráter de transcendência, de onipotência. Por outro, um caráter de dissimulação e, aqui, o ponto em comum com a ironia socrática. No entanto, essa dissimulação

<sup>40</sup> KIERKEGAARD, p. 216.

deve ser carregada de infinitude poética e quanto maior for a arte com que a mistificação aí engendrada aparece, tanto mais se ressalta a ironia.

O caráter transcendental da ironia ou a ironia pura, KIERKEGAARD chama de **sensu eminentiori**:

A ironia sensu iminentiori não se dirige contra este ou aquele existente individual. Ela se dirige contra toda a realidade dada em certa época e sob certas condições. Ela comporta, por isso, uma aprioridade em si, e não é aniquilando sucessivamente um pedaço de realidade após o outro que ela alcança a sua visão de conjunto mas sim, é por força desta visão de totalidade que ela leva a cabo sua destruição no interior do indivíduo. Não é este ou aquele fenômeno, mas é a totalidade da existência que é observada sub specie ironiae (sob a categoria da ironia).<sup>41</sup>

Em resumo, o que Kierkegaard pretende é colocar a ironia como uma intenção metafísica, isto é, como não tendo uma intenção objetiva, mas sendo ela própria a intenção, um fim em si mesmo. A dissimulação vai denotar o ato objetivo que leva a cabo o desacordo entre essência e fenômeno e não significa a libertação do sujeito, que ocorrerá somente na verdadeira ironia.

Mesmo a verdadeira ironia incorpora os valores da figura ironia, especialmente o de se dizer o contrário do que se pensa. Kierkegaard não está fora da tradição. Ampliou o conceito para as raias da filosofia, mantendo uma linha tênue com a idéia de oposição e inversão semântica.

<sup>41</sup>KIERKEGAARD, p. 221.

A ambigüidade de sua obra é a própria ironia **sensu eminentiori** e entendê-la, é compreender a angústia do filósofo diante do mundo.

#### 1.4 ATUALIDADE

##### 1.4.1 A Proposta de Grice

Grice vai considerar a existência de certos princípios gerais que regulam a maneira pela qual, numa relação de conversação, o ouvinte pode reconhecer, por um raciocínio seu, a intenção do locutor e assim depreender o significado do que ele diz.

Segundo GRICE, a conversação é regida por um Princípio de Cooperação. Este princípio diz que os participantes de uma conversação devem intervir na mesma segundo os propósitos e a direção que a conversação tem no momento em que eles falam. Subsume quatro máximas:

1. **Máxima de Qualidade:** não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo que você possa fornecer evidência adequada.
2. **Máxima de Relação:** seja relevante.
3. **Máxima de Modo:** seja claro (evite ambigüidades, obscuridade de expressão, seja breve e ordenado).
4. **Máxima de Quantidade:** faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto requerida para o propósito corrente da conversação. Não faça a sua contribuição mais informativa do que é requerido.

Supondo-se que, normalmente, os indivíduos envolvidos em uma conversação respeitem tal máxima, quando um locutor aparentemente a viola, e quando não há qualquer indicação clara de que o locutor resolveu mesmo violá-la, seu interlocutor está autorizado a interpretar tal violação como meramente aparente e buscar uma interpretação não-literal do que foi dito, que compatibilize o ato lingüístico do locutor com a suposição de que está respeitando a máxima. Grice chama esta interpretação de implicatura conversacional.

Diferentemente das implicaturas conversacionais, as implicaturas convencionais são detonadas diretamente por um ou mais sentido lexical do enunciado. MORGAN (1978), restringiu esta classe ao que chamou de usos convencionais. Esses usos referem-se a frases feitas, slogans, chavões, etc, cuja forma e função têm sido rotinizadas através do uso repetido, e não constituirão objeto deste trabalho uma vez que a sua associação com a ironia é incipiente, conforme observado por KAUFER:

Estes usos convencionais associados com a ironia representam apenas uma fração de enunciados usados ironicamente, uma fração cuja importância é exagerada em virtude de sua recorrência em dicionários.<sup>42</sup>

A idéia de ironia em GRICE está associada à explícita violação pragmática de uma de suas máximas conversacionais: a Máxima de Qualidade, onde os enunciados são transparentemen-

<sup>42</sup>KAUFER, David S. Understanding ironic communication. Journal of Pragmatics, North-Holland, v. 5, p. 497, 1981.

te falsos, por exemplo:

X, a quem A sempre confiou seus segredos, revelou um segredo de A a um concorrente seu. Tanto A quanto seus ouvintes sabem disso. A diz: 'X é um excelente amigo'. (É perfeitamente óbvio para A e seus ouvintes que o que A disse ou fez como se tivesse dito é algo em que ele não crê, e os seus ouvintes sabem que A sabe que isto é óbvio para eles. Assim, a não ser que a enunciação de A seja inteiramente sem propósito, A deve estar tentando comunicar alguma outra proposição que não parece estar dizendo). Tal proposição deve ser obviamente relacionada com a que parece estar dizendo, e a proposição mais obviamente relacionada é a contraditória da que ele parece estar dizendo.<sup>43</sup>

LEVISON dá o seguinte exemplo de violação da máxima de qualidade para a obtenção de uma ironia:

A: E se a URSS bloquear o Golfo e o petróleo?

B: Qual é! A Grã-Bretanha domina os mares!

(Algum participante razoavelmente informado saberá que o enunciado B é flagrantemente falso. Sendo assim, B não pode estar tentando enganar A. O único caminho em que a suposição de que B é co-operativo pode ser mantido é se nós considerarmos que B está significando algo diferente do que é dito. Procurando ao redor por uma proposição relacionada e co-operativa que B talvez tenha intencionado transmitir, nós chegamos ao oposto, ou negação, do que B afirmou, notadamente que a Grã-Bretanha não domina os mares, e deste modo, pela relevância do enunciado anterior, a sugestão de que não há nada que a Grã-Bretanha possa fazer).<sup>44</sup>

<sup>43</sup>GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P. ; MORGAN, J., eds. Syntax and semantics 3: speech acts. New York : Academic Press, 1975. p. 53.

<sup>44</sup>LEVISON, S. C. Pragmatics. London : Cambridge University Press, 1983. p. 109.

Grice entende que o efeito irônico obtido pela violação da máxima de qualidade está associado à expressão de um sentimento, atitude ou avaliação. Não podemos dizer alguma coisa ironicamente a menos que o que eu pretenda dizer reflita uma hostilidade, um julgamento depreciativo ou um sentimento como a indignação ou o desprezo.

A posição de Grice é semelhante à posição da retórica clássica, onde a ironia verbal é um tropo, e como tal envolve a substituição de um sentido figurado por um literal. A pragmática moderna permanece firmemente ligada à tradição clássica e a única diferença significativa é que no caso de Grice o significado figurado é reanalisado como uma implicação figurada ou implicatura. O problema é que em ambos os casos a idéia de substituição de um significado por outro permanece obscura.

Em Grice, por exemplo, o ouvinte teria que procurar ao redor por uma proposição que fosse estritamente relacionada com a que foi expressa e interpretá-la como uma implicatura. O difícil é decidir o que pode ser interpretado como proposição estritamente relacionada, especialmente uma que se fizesse representar por um enunciado figurado, pois, de uma maneira geral, a nossa percepção de parentesco entre as proposições não se dá apenas entre relações lógicas, mas também através de fatores psicológicos, sociais, culturais, etc. Assim, em um enunciado irônico, o ouvinte deve considerar uma gama de proposições: algumas delas sendo expressas pelo enunciado e outras implicadas por ele:

Em acréscimo ao que a proposição expressa ou implica, um enunciado pode sugerir ao ouvinte certas linhas não-proposicionais de interpretação. Por

exemplo, pela evocação de imagens ou estados mentais, que são precisamente as características dos enunciados figurados, e não podem ser totalmente analisados dentro da estrutura de GRICE.<sup>45</sup>

Grice restringe a produção de enunciados irônicos aos casos de violação da máxima de qualidade, mas há enunciados irônicos em que o falante expressa literalmente a verdade. Ou, casos em que pretende, simultaneamente, transmitir o que é realmente dito e o que está implicado conversacionalmente. Como neste exemplo citado por KAUFER: "*Uma pessoa diz: 'Eu tive um péssimo dia' (no dia em que ela perdeu uma fortuna no jogo)*".<sup>46</sup>

Mesmo distribuindo a análise da ironia através de todas as máximas, pouco se pode fazer além do que ilustrar como a explícita violação de uma delas pode ou não resultar em ironia. Isto é, a compreensão da ironia fica restrita aos enunciados emitidos em conformidade com as propriedades específicas de cada máxima. Mas, nem todas as ironias podem ser recuperadas por este critério.

A análise da ironia não é central em Grice, mas vai revelar que a retomada dos estudos do fenômeno pela pragmática moderna não se distanciou da concepção clássica, ou seja, permanece em palco a idéia de inversão semântica e dissimulação.

<sup>45</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. On Grice's theory conversation. In: WERTH, P. (ed.). Conversation and discourse. London, 1981. p. 11.

<sup>46</sup> KAUFER, p. 499.

A existência de um tom prosódico específico para a ironia, motivo de controvérsia entre os estudiosos, aparece em GRICE:

Eu também estou duvidoso se o tom irônico existe como um tom específico. Eu suspeito que um tom irônico é sempre um tom depreciativo, desrespeitoso ou um tom engraçado, ou qualquer outro tom conectado com um ou mais sentimentos ou atitudes. O que qualifica tais tons como irônicos é que eles aparecem, nesta e em outras ocasiões, quando uma observação irônica é feita.<sup>47</sup>

Em suma, o que Grice procurou fazer foi traçar uma distinção entre o que é realmente dito e o que está tacitamente implicado, sugerindo que cada aspecto da interpretação pode ser assinalado a uma ou a outra categoria. No caso da ironia, será sempre uma implicatura que substituirá o que foi dito pelo locutor.

A importância de seu trabalho está no fato de retomar para a pragmática moderna as mesmas concepções clássicas no que tange à ironia, mantendo um fio condutor que permite a recuperação de sua história.

Em relação à idéia de implicatura, e à sua relevância para os estudos pragmáticos, cabe observar que:

As implicaturas transmitidas pela ironia não parecem ser todas do mesmo tipo das demais implicaturas; elas não satisfazem as mesmas definições básicas e devem trabalhar fora, de acordo com princípios bem diferentes.<sup>48</sup>

<sup>47</sup>GRICE, H. P. Further notes on logic and conversation. In: COLE, P. (ed.). Pragmatics and Semantics, 9. New York : Academic Press, 1978. p. 124.

<sup>48</sup>SPERBER ; WILSON, p. 8.

E uma resposta para a postura de Grice pode ser encontrada em LEECH:

O próprio GRICE, e outros que invocaram o Princípio de Cooperação, têm refletido a postura lógica interessada na verdade, e desta forma com o significado proposicional.<sup>49</sup>

#### 1.4.2 A Proposta de Haverkate

Haverkate utiliza a teoria dos atos de fala como base para o seu trabalho sobre a ironia. A teoria dos atos de fala fundamenta-se na noção de ato lingüístico, que consiste em mostrar a relação que existe entre o comportamento humano e um determinado sistema de códigos que é usado de acordo com certas regras. Não nos alongaremos neste aspecto, já de amplo conhecimento nos meios acadêmicos.

Para Haverkate, a ironia é uma espécie particular de estratégia utilizada pelas pessoas a fim de produzir efeitos perlocucionários nos interlocutores, sendo o principal deles a transgressão das normas de expectativas e o envolvimento dos interlocutores em uma interação caracterizada pelo distanciamento interpessoal.

É necessário traçar uma distinção entre as estratégias que são aplicadas quase que automaticamente, como é o caso dos atos de fala executados rotineiramente, das estratégias que requerem planificação cuidadosa (onde estão inseridos os enunciados irônicos).

<sup>49</sup>LEECH, G. N. Principles of pragmatics. Singapore : Longman, 1983. p. 80.

Dentro desta perspectiva, o estudo da ironia será realizado com base na análise componencial dos atos de fala. Isto requer uma distinção a ser feita entre três sub-atos dos atos de fala, notadamente, o sub-ato articulatório, ilocutório (ou ilocucionário) e o proposicional.

a. *O Sub-Ato Articulatório:*

Ao nível articulatório será um específico contorno entonacional e a intensidade que realizará determinados efeitos perlocucionários: *"um modelo de entonação enfática é um mecanismo para enunciar uma advertência, uma ameaça ou uma ordem autoritária"*.<sup>50</sup>

Como os enunciados irônicos não se apresentam apenas na fala, mas têm um papel importante na linguagem escrita, fica claro que qualquer que seja a influência que os traços prosódicos possam ter, não são relevantes para o reconhecimento da ironia.

Deve existir uma certa assimetria entre o nível fonético e o referencial, a fim de que a execução de um enunciado não seja caracterizado, no primeiro plano, por uma entonação ameaçadora, e no segundo plano, por uma expressão vocativa afetiva, característica da chamada Dupla-Vinculação, proposta por WATZLAWICK.<sup>51</sup>

<sup>50</sup>HAVERKATE, Henk. A speech act analysis of irony. Journal of Pragmatics, North-Holland, v. 14, p. 77, 1990.

<sup>51</sup>WATZLAWICK, Paul. Pragmática da comunicação humana. São Paulo : Cultrix, 1970.

Isto não vai implicar na existência de marcas prosódicas específicas para a ironia. Tanto que, quando desejamos nos expressar ironicamente, podemos utilizar estratégias paradoxais para transmitir conteúdos informativos.

"A ironia é, tanto quanto eu posso ver, a única exceção à regra em que, aplicando estratégias incoerentes produz-se enunciados que fogem à regra".<sup>52</sup>

Há aqueles que defendem emissões típicas para os enunciados irônicos. Warning (1976), propõe uma emissão nasalizada como característica dessa estratégia. O assunto é controverso e não tivemos acesso ao seu texto.

#### *b. O Sub-Ato Proposicional:*

Este sub-ato subdivide-se em dois: o sub-sub-ato da predicação e o da referência. Na predicação, as pessoas estão envolvidas na escolha das melhores opções dos componentes lexicais e sintáticos da proposição. Por exemplo, a escolha de um eufemismo ao invés de uma expressão vulgar ou neutra. Na referência, as pessoas dispõem de vários conjuntos de expressões para se referirem a si próprios, aos seus interlocutores ou a terceiros que não estejam presentes no local.

Haverkate levanta restrições em relação à seleção lexical e os enunciados irônicos, uma vez que é impossível estabelecer regras definindo os itens lexicais em termos de seu potencial de carga de sentido irônico.

<sup>52</sup>HAVERKATE, Henk. Strategies in linguistic action. Journal of Pragmatics, North-Holland, v. 7, p. 643, 1983.

### c. O Sub-Ato Ilocutório

Ao nível do sub-ato ilocutório ocorre a especificação do ato de fala no processo interacional como uma asserção, uma promessa, uma solicitação, etc. Neste caso é importante distinguir entre os atos de fala que se realizarão de modo direto ou indireto:

Há casos em que o falante pode enunciar uma sentença e significar o que ele disse e também significar outra ilocução com um conteúdo proposicional diferente.<sup>53</sup>

Por sua vez, as estratégias ilocutórias podem ser analisadas em termos das pré-condições subjacentes à execução deste nível, ou seja, através das regras preparatórias, essenciais e de sinceridade. A sinceridade desempenhará um papel fundamental na argumentação de Haverkate.

#### 1.4.2.1 A (in)sinceridade do falante e a ironia

A pré-condição de sinceridade proposta por SEARLE<sup>54</sup> é uma condição inerente a todos os atos de fala: assertivos, comissivos, impositivos, declarativos e expressivos, devendo ser definida em um caminho específico para cada um deles. Assim, a sinceridade assertiva é definida em termos da crença do falante que a proposição expressa um verdadeiro estado de coisas. A sinceridade comissiva, em termos da intenção do falante

<sup>53</sup>SEARLE, J. R. Indirect speech act. In: COLE, P. ; MORGAN, J. (eds.). Syntax and Semantics 3: Speech Acts. New York : Academic Press, 1975. p. 59-60.

<sup>54</sup>SEARLE, J. R. Os actos de fala. Coimbra : Almedina, 1984.

para realizar o ato que ele se compromete a realizar em benefício do ouvinte. A sinceridade diretiva (impositiva e não-impositiva), em termos do desejo do falante de que o seu interlocutor execute o ato especificado pela proposição.

Haverkate exclui os atos de fala declarativos quando se refere aos enunciados irônicos, em virtude dos mesmos serem executados por meio de fórmulas performativas, e os atos de fala expressivos, já que considera a ironia incompatível com aqueles atos que servem para transmitir condolências ou simpatias.

A relação que se estabelece entre a pré-condição de sinceridade e a proposta de Haverkate se concretiza a partir de uma das normas principais da interação verbal, segundo a qual as pessoas envolvidas em uma comunicação sejam sinceras na expressão de seu estado psicológico. Como consequência, o ouvinte pressupõe a sinceridade do falante até perceber sinais que indiquem o contrário. Neste caso, temos um enunciado irônico. Esta abordagem é semelhante a de GRICE: *"não diga o que você acredita ser falso ou senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada"*.<sup>55</sup>

O ponto ressaltado por Haverkate para que os falantes se manifestem insinceramente, ou violem a máxima de qualidade, se estabelece na distinção entre as formas de violação transparente e não-transparente. As formas de violação não-transparente têm o propósito de enganar ao ouvinte, tendo como mani-

<sup>55</sup>GRICE, H. P. *Logic and conversation*, p. 46.

festação prototípica a mentira. Já as manifestações de insinceridade transparentes são explícitas e intencionalmente produzidas para serem detectadas pelos ouvintes, visando a produção de certos efeitos perlocucionários. GUERREIRO<sup>56</sup> faz uma distinção entre a mentira e a ironia como atos de fala, que não abordaremos neste trabalho.

Vejamos:

(1) Você poderia me dar uma bicicleta?

(2) Você poderia me dar um emprego?

(1) e (2) são enunciados diretivos, onde a sinceridade é definida em termos do desejo do falante de que o seu interlocutor execute o ato especificado pela proposição. Imaginemos que foram ditos ao Ministro de Estado X, responsável por licitações super-faturadas que resultaram na compra de milhares de bicicletas para o governo.

No caso de (1), o falante é sincero ao desejar que o Ministro X realize a ação indicada. É insincero, entretanto, no que diz respeito ao ponto ilocutório da questão, uma vez que ele pressupõe saber a resposta. Isto é, o falante considera como ponto pacífico que o seu interlocutor se calará. Conseqüentemente, o componente interrogativo da fala é meramente retórico.

Formalmente, questões retóricas são determinadas pela estrutura sintática interrogativa. O objetivo ilocutório, no entanto, não é o de pedir informações, de modo que surge uma discrepância entre forma e função.

<sup>56</sup>GUERREIRO, M. A. L. O dizível e o indizível: filosofia da linguagem. São Paulo : Papyrus, 1989. p. 34-38.

Falantes que utilizam questões retóricas violam intencionalmente a condição de sinceridade porque eles já sabem a resposta para as suas perguntas. Logo, é uma estratégia que serve para realizar outro ato ilocutório. Realizar este tipo de transformação ilocutória é um dos principais objetivos do falante irônico, que se beneficia da estratégia de significar alguma coisa diferente do que ele diz para transmitir sentimentos negativos na direção do ouvinte.

Em determinados casos a ironia se manifestará pela oposição de significado, como:

(3) Venha mais perto!

Dito por alguém que se sente incomodado pela grande proximidade de outra pessoa. Aqui, a intenção é a de significar o oposto do que é dito literalmente.

Se um falante ordena ironicamente ao ouvinte: 'faça p', o ouvinte está autorizado a inferir do contexto do enunciado que o falante pretende ordená-lo a: 'não faça p'.<sup>57</sup>

Em resumo, Haverkate considera a ironia como uma espécie particular de estratégia utilizada pelos falantes a fim de produzir efeitos perlocucionários nos ouvintes. Toma como base a análise componencial dos atos de fala, argumentando que a pré-condição de sinceridade e a sua violação de modo intencional e transparente é o que possibilitará aos ouvintes o reconhecimento deste ou daquele enunciado como irônico. A violação da pré-condição de sinceridade pode ocorrer ao nível da

<sup>57</sup>HAVERKATE, Henk. A speech act analysis of irony, p. 95.

força ilocutória ou ao nível proposicional, gerando enunciados que significam o oposto do que é dito literalmente ou significam alguma coisa diferente do que é dito literalmente.

Na abordagem de Haverkate, que pode ser entendida como pragmalinguística, a concepção clássica, nos moldes propostos por Quintiliano, fica evidenciada. A idéia de que a enunciação é obviamente defectiva se tomada literalmente (possui falsidade óbvia, nonsense semântico, violação de atos de fala, violação de princípios conversacionais), recoloca em questão a substituição do significado literal por um significado figurado.

Para Haverkate, a utilização da classificação dos atos de fala serve como um instrumento analítico para alcançar uma especificação sistemática das diferentes funções interacionais da ironia, e torna possível estabelecer uma tipologia baseada na ironia assertiva, diretiva e comissiva.

Esta preocupação taxionômica segue as linhas do Positivismo Lógico que repõe a tradição aristotélica, onde o enfoque dinâmico, dialético, é substituído pela formulação de modelos operacionais com vistas a uma eventual classificação dos tipos de ironia.

Na perspectiva dos atos de fala, de a linguagem como forma de ação, onde todo o dizer é fazer, Haverkate vê a ironia como uma estratégia destinada a quebrar o padrão de expectativa dos ouvintes, isto é, como violando o Princípio Cooperativo. Isto resulta em uma interação verbal caracterizada pelo distanciamento interpessoal.

Este afastamento na relação falante-ouvinte se processa pelo desvinculamento do ironista do que é dito ironicamente,

que, por sua vez, tem uma função avaliativa negativamente. Com isto, aproxima-se da posição de Teofrasto, como uma dissimulação para o mal, e não com o objetivo pedagógico ou marcar a posição do sujeito em relação ao próprio enunciado.

Não se pode negar que há uma redução no escopo da ironia com a atitude classificatória de Haverkate. No entanto, seu trabalho reforça a preocupação com certas características tidas como essenciais no discurso irônico. Tanto em Grice como em Haverkate, por exemplo, a associação da ironia com a hostilidade, a avaliação negativa, é evidente.

Recuperaremos, posteriormente, esta característica como sendo uma das constantes do discurso irônico.

#### 1.4.3 A Proposta de Sperber e Wilson

SPERBER e WILSON<sup>58</sup> apresentam uma interpretação para a ironia que se propõe a resolver os problemas levantados pelas abordagens semânticas e pragmáticas. Especificamente, visando explicar porquê os enunciados irônicos são produzidos e nem sempre implicam no oposto do que é dito literalmente.

Esta versão não faz referência à noção de significado figurado e não envolve mecanismos de substituição semântico-pragmáticos. O seu aspecto central é que os enunciados irônicos não transmitem somente proposições, que podem ser consideradas em termos de significado e implicatura, mas também vagas sugestões de imagens e atitudes.

<sup>58</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. Irony and the use-mention distinction. In: COLE, P. (ed.). Radical pragmatics. New York : Academic-Press, 1981. p. 295-318.

Sperber e Wilson defendem a idéia de ironia como menções refletidas, cuja interpretação envolve o reconhecimento de seu estado como menção. Consideram a existência de variações de graus e tipos para as reflexões, pois algumas são imediatamente refletidas e outras não. Algumas têm sua fonte em enunciados atuais, próximos; outras, em pensamentos ou opiniões; algumas têm uma fonte real, outras imaginária; algumas são traçadas a partir de particularidades individuais e outras têm uma origem vaga.

Será o mecanismo da reflexão, ou eco, que irá determinar o alvo da ironia e não o eventual conteúdo crítico do enunciado ou o menosprezo pelo destinatário. No máximo, estes fatores contingentes podem reforçar um efeito da ironia que não depende deles.

Na ironia, além de haver uma menção implícita de proposição, é introduzido um modo próprio destinado a manifestar a sua desaprovação. A atitude irônica, para Sperber e Wilson, é invariavelmente a de rejeição ou de desaprovação. Com o falante se dissociando da opinião refletida, indicando que ele não é responsável pela mesma.

Se a ironia é caracterizada por uma desaprovação cuja base é a identificação de um eco (reflexão) da proposição mencionada, como tal desaprovação ou efeito de ironia se institui no caso de a reflexão ser longínqua e não haver percepção de um alvo definido? Sperber e Wilson tentam separar o alvo da noção de desaprovação, considerando-o como um conceito **ad hominem** e inexistente em certos casos.

Argumentamos que a ironia verbal invariavelmente envolve a expressão implícita de uma atitude, e que a relevância de um enunciado irônico invariavelmente depende, pelo menos em parte, da informação que transmite sobre a atitude do falante na opinião refletida.<sup>59</sup>

Do ponto de vista metodológico, afirmam<sup>60</sup> que este caminho é necessário pois a noção de ironia é abstrata e muito mais baseada em um esquema arbitrário de exemplos que têm sido inadequadamente descritos. Em razão disso, consideram um erro tomar a própria ironia como objeto de investigações e limitar atenções para os casos padrões. Há um esquema completo de **utterance-types** que podem ser, mais ou menos, chamados irônicos, e os fatos básicos a serem considerados são os efeitos específicos produzidos por cada um deles e a percepção de similaridades entre os mesmos. Deve-se procurar por mecanismos psicológicos que possam justificar esses efeitos e o seu inter-relacionamento.

Em trabalhos posteriores,<sup>61</sup> SPERBER e WILSON reanalisam os enunciados refletidos como interpretações refletidas de um pensamento ou enunciado, sendo a ironia verbal uma variedade dessas interpretações.

O reconhecimento da ironia e do que ela comunica dependerá de uma interação entre a forma lingüística do enunciado,

<sup>59</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. Relevance, communication and cognition. London : Basil Blackwell, 1986. p. 239.

<sup>60</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. Irony and the use-mention distinction, p. 298.

<sup>61</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. On verbal irony. In: UCL-Working Papers in Linguistics, 1., 1989. p. 96-117.

das circunstâncias cognitivas compartilhadas entre falante e audiência e da consistência do Princípio da Relevância.<sup>62</sup>

De uma perspectiva teórica, a proposta de Sperber e Wilson revela uma certa abertura em relação aos outros trabalhos no que tange à concepção de funcionamento da linguagem. Na prática, porém, o que ocorre é a substituição de um problema (o das ironias) por outro (o das reflexões).

Persevera no enfoque de ambos a idéia de dissociação entre falante e audiência, a manifestação de uma atitude desaprobatória através da ironia. O que se tornou uma espécie de paradigma para a pragmática quando se trata de estudar o assunto.

Apesar de SPERBER e WILSON não utilizarem o conceito de tropo ou figura, não estão fora da tradição: "*a ironia não é um mecanismo ocasional. É, sim, uma atitude fundamental*".<sup>63</sup>

A idéia de atitude fundamental é própria dos românticos. Mas, ao contrário desses, Sperber e Wilson admitem que a expressão da ironia por meios lingüísticos podem ser analisada e explicada sem o recurso de sentidos figurados e por meio de modelos testáveis. O inconveniente, nestes casos, é que atribuir à ironia um sentido tão lato (o das reflexões) pode conduzir ao seu esvaziamento.

<sup>62</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. On verbal irony, p. 109.

<sup>63</sup> SPERBER, D. ; WILSON, D. Rhetoric and relevance. In: BENDER, J. ; WELLBERRY, D. (eds.). The end of rhetoric: history, theory, practice. Stanford : Stanford University Press, 1990. p. 154.

#### 1.4.4 A Proposta de Kaufer

De acordo com David KAUFER,<sup>64</sup> a maioria das definições de ironia associa o fenômeno com simples comunicações de fórmulas, tais como: significar o oposto do que é dito literalmente ou como a violação de uma máxima conversacional. Essas considerações falham ao não levar em conta a natureza retórica da ironia.

Apesar de uma retomada da concepção retórica, Kaufer vai considerar inadequada a definição proposta inicialmente pelo retórico Quintiliano, ou seja, a de que o ironista pretende transmitir outra coisa do que ele realmente diz. Isto uma vez que, além da ironia, há um número substancial de outros fenômenos, como a metáfora, sinédoque, a utilização humorística das palavras, etc, que também têm o mesmo propósito e são comunicadas indiretamente através de formas particulares e generalizadas de implicaturas conversacionais, convencionais, insinuações, pressuposições, etc.

Questiona as improvisações feitas sobre a definição de Quintiliano, que têm como meta substituir a idéia de diferença entre o que o ironista realmente diz e o que pretende significar, pela idéia de oposição.

A idéia de oposição é vaga demais para ser aceitável, necessitando de informações contextuais para ser compreendida.

Postula uma abordagem psicoretórica para a ironia, onde serão os fatores psicológicos individuais e a atitude do comuni-

<sup>64</sup>KAUFER, D. Understanding ironic communication. Journal of Pragmatics, North-Holland, v. 5, p. 495-510, 1981.

gador que permitirão o reconhecimento de um enunciado como irônico. Nesta perspectiva, o ironista deve utilizar um argumento que seja avaliativo que, por sua vez, violará as expectativas contextuais. O ironista pretende que a audiência reconheça que ele mal-aplicou esse argumento avaliativo.

A idéia de argumento avaliativo, Kaufer tira da retórica aristotélica, que descreve um gênero de discurso, o **epidêutico**, que opera com o elogio e a condenação em particular e a avaliação em geral.<sup>65</sup> A violação das expectativas contextuais ocorre a partir da oposição irônica, isto é, na diferença existente entre o que é dito literalmente e o que é significado. Esta oposição tem dois pólos: de um lado a atitude subjetiva do ironista. De outro, a atitude implicada pelo grupo de expectativas identificadas com a emissão do enunciado tomado literalmente. Quer dizer: a atitude subjetiva de X pode não corresponder com as expectativas geradas pelo enunciado Y emitido por X junto à audiência Z.

A má-aplicação do argumento avaliativo, ou **topoi**, como os gregos o chamavam, está relacionado ao que o ironista considera como padrão modelo, seja para as pessoas, objetos ou estados de coisas. Um primeiro exemplo de má-aplicação consiste na associação simulada de uma pessoa, objeto ou estado de coisas com um padrão modelo. Outro, a associação real de uma pessoa, objeto ou estado de coisas, com um padrão simulado.

O reconhecimento de que o ironista mal-aplicou um **topoi** avaliativo ocorre, nos casos mais simples, com base no contexto não-lingüístico. Por exemplo: chamar péssimas condições

<sup>65</sup>KAUFER, D. Understanding ironic communication, p. 507.

metereológicas de "lindo tempo" ou declarar, "adoro motoristas que não sinalizam". Nestas situações, o ironista está confiante de que o conhecimento dos padrões modelos de bom tempo e bons motoristas por parte da audiência fornecerão as bases para a percepção irônica.

O impacto da ironia será maior à medida em que se tornam esteticamente mais complexas. Para isto, Kaufer considera uma série de estratégias retóricas gerais que são utilizadas para efeito de ironia:

- a. elogiar a fim de censurar;
- b. censurar a fim de elogiar;
- c. fingir concordar com a vítima da ironia;
- d. fingir encorajar ou aconselhar;
- e. fingir dúvida ou hesitação;
- f. fingir ignorância ou erro;
- g. analogias;
- h. ambigüidade deliberada;
- i. insinuações ou indiretas;
- j. omissão fingida;
- k. falsa defesa da vítima da ironia;
- l. adulteração ou falsa afirmação;
- m. contradição pretendida;
- n. raciocínio falacioso;
- o. agressão fingida sobre o oponente da vítima;
- p. ironia estilisticamente assinalada;
- q. exagero;
- r. exposição de incompatibilidades.

Estas estratégias, se não executadas para elogiar ou censurar no sentido usual, são no mínimo postas em ação por alguma espécie de tarefa avaliativa. A proposta é reforçada pelo surgimento do termo vítima e mantém um **insight** implícito nas antigas classificações retóricas de arte:

O uso da ironia é somente uma espécie de uso avaliativo da linguagem. Enquanto se está longe de esclarecer o que prontifica ao falante escolher entre um modelo literal ou irônico de fala ou escrita, fica claro que a opção irônica é condicionada pelo fato de o falante ter alguma coisa de natureza avaliativa para transmitir a um ouvinte ou leitor.<sup>66</sup>

KAUFER<sup>67</sup> considera que os escritores do passado que utilizavam a ironia tinham uma relação de distanciamento ou de aproximação com os seus leitores. Isto pode ser melhor explicado se atribuirmos ao discurso irônico a implicação com duas audiências: uma audiência identificando-se com o significado literal do que é dito pelo ironista e a outra com o significado figurado. Desde que, todos os ironistas, de um modo característico, negam os pronunciamentos literais e as implicações que são derivadas deste nível, fica claro que a primeira audiência é representada por suas vítimas e a segunda pelos seus associados. Este aspecto distinguiria a ironia de outros fenômenos a partir do momento em que a audiência não pode assumir de modo consistente os significados literais e irônicos dos enunciados simultaneamente. Ao contrário, por

<sup>66</sup>KAUFER, D. Understanding ironic communication, p. 503.

<sup>67</sup>KAUFER, D. Irony and rhetorical strategy. Philosophy and Rhetoric, v. 10, n. 2, p. 90-1110, 1977.

exemplo, de uma metáfora, onde a audiência pode realizar isto sem nenhuma contradição.

É importante ressaltar que o fato de o ironista bifurcar a sua audiência entre associados e vítimas tem a ver com a lógica da ironia e não com a percepção da mesma.

A abordagem de Kaufer vai retomar a condição retórica como indispensável para a ironia que, aliada às condições psicológicas individuais, mais a atitude do comunicador, vão permitir o reconhecimento da ironia.

Os seus méritos são o de trazer novamente à tona a relação estabelecida entre o ironista e audiência, culminando com o estabelecimento de uma audiência que se mantém associada e outra que é composta de vítimas, antecipando a proposta de que a ironia será reconhecida com certeza por aqueles que compartilham com o ironista de um mesmo conjunto de condições.

Kaufer recuperou e revalorizou antigos conceitos aplicados à ironia, permitindo a continuação da história curiosa do fenômeno.

#### 1.4.5 A Proposta de Muecke

D. C. MUECKE<sup>6 9</sup> tem um dos mais sistematizados trabalhos feitos sobre a ironia. Sua perspectiva se dá a partir do campo literário. Para ele, operar com a ironia, mesmo num plano teórico, é operar com uma arte:

A arte da ironia é a arte de dizer alguma coisa sem realmente dizer isto. É uma arte que busca seus efeitos de baixo de superfície, e isto lhe dá uma

<sup>6 9</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 5.

qualidade que se assemelha à intensa e vibrante arte triunfal de dizer muito mais do que parece estar dizendo.<sup>70</sup>

Posição semelhante tinham os Românticos alemães que consideravam a ironia como o princípio fundamental da arte. A semelhança não é casual, pois Muecke considera que o desenvolvimento da ironia, o interesse a seu respeito e o seu conceito, estão relacionados com a história do desenvolvimento intelectual da Europa. Que toda a abordagem, para se mostrar adequada, não pode evitar ser de algum modo histórica.

Neste aspecto, o conceito de ironia ainda se mantém em transformação. O caos terminológico com que nos deparamos deve-se às diferentes perspectivas de estudo do objeto. Há os que citam uma ironia cômica, de modo, de situação, filosófica, prática, dramática, verbal, ingênua, retórica, socrática, romântica, sentimental, do destino, de caráter, etc. E que na literatura o fenômeno não se encontra em estado puro, mas como a ironia de Thomas Mann, Chaucer, etc. A diferença está na personalidade dos autores, não nas diferentes técnicas ou estratégias, ou no fato de um ser alemão, outro inglês ou russo, do século XIV ou XX. **Le style ironique est l'homme même** (o estilo irônico é o próprio homem).<sup>71</sup>

Com o tempo houve um obscurecimento do conceito pelas freqüentes utilizações da ironia junto com a sátira, o cômico, o grotesco, o humor e o absurdo. O resultado tem sido a definição de ironia a partir dessas motivações.

<sup>70</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 5.

<sup>71</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 5.

"A ironia não é essencialmente relacionada à sátira, e quando isto ocorre na prática é um relacionamento de meios para fins".<sup>72</sup>

A ironia vai requerer algumas qualidades estéticas e o ironista não é como um artista; é um artista governado pela necessidade da perfeição da forma e expressão. Os fatos, eventos ou situações irônicos, são mais ou menos efetivos na medida em que exibem a economia, o equilíbrio e a precisão de um trabalho artístico.

Para Muecke, em todas as instâncias de ironia nós podemos distinguir três elementos essenciais (que são, em certo aspecto, os requisitos formais da ironia; distintos, portanto, das qualidades estéticas e subjetivas):

- a. a ironia é um duplo-fenômeno, com dois níveis. Ao nível A, está a situação tal qual se apresenta à vítima, quando há uma; ou a situação ilusoriamente representada pelo ironista, quando há um. Ao nível B, está a situação tal qual se apresenta para um observador ou para o ironista;
- b. há sempre uma espécie de oposição entre os dois níveis (ironia simples). Uma oposição que toma a forma de contradição, incongruência ou incompatibilidade. O que é dito pode ser contradito pelo que é significado. O que a vítima pensa pode ser contradito pelo que o observador sabe, etc. Pode ocorrer uma oposição entre dois-elementos situados no mesmo nível A, chamada de Dupla-Ironia;

<sup>72</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 5.

c. há sempre um elemento de ingenuidade (inocência), com a vítima inconscientemente cega de estar ao nível A; ou o ironista fingindo não estar consciente desta situação. Podemos ressaltar três elementos dos itens apresentados: a dualidade da ironia, o elemento de ingenuidade e a existência de uma vítima. Com relação à vítima, MUECKE afirma:

(...) se, por um lado, uma negligenciada e vaga impressão do observador foi a de que eu não sou livre e responsável na vida, eu penso que não devo aparecer como vítima da ironia. A fim de que a confiança cega, quando aplicado para a vítima da ironia implique uma espécie de julgamento moral.<sup>73</sup>

Muecke estabelece uma classificação básica para a ironia: a ironia verbal e a ironia situacional. A ironia verbal implica em um ironista, de alguma forma consciente e intencionalmente empregando uma técnica. A situacional não implica em um ironista, mas em um estado de coisas ou em resultados de eventos, que são vistos ou sentidos como irônicos. Em ambas, há uma confrontação ou justaposição de incompatibilidades.

Falar sobre a ironia verbal significa falar sobre o ironista, suas técnicas e estratégias. A situacional, sobre o tipo de situação que vemos como irônica e sobre o senso de ironia do observador, suas atitudes e respostas.

Um modo abrangente de se referir aos tipos de ironia verbal ou situacional é o **sendo irônico**. Nos caminhos do sendo

<sup>73</sup> MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 21.

irônico, o sentido real ou pretendido, apresentado ou evocado, é intencionalmente oposto e incompatível com o sentido ostensivo ou fingido. Ou, dizer uma coisa e significar outra, bem como, dizer duas coisas e não significar nenhuma delas.

Os caminhos do sendo irônico podem ser divididos em três graus e quatro modos: em graus de acordo com o nível em que o significado real é cancelado; em modos, de acordo com a espécie de relacionamento existente entre o ironista e ironia. Os três graus são chamados de: ironia explícita, ironia não-explícita e ironia privada. Os modos de: ironia impessoal, ironia auto-depreciativa, ironia ingênua e ironia dramatizada.

No tocante à ironia não-explícita, o ironista deverá evitar algum tom de voz, maneira gestual ou indicação estilística que a evidencie imediatamente para o ouvinte. Há o risco evidente de que o interlocutor não detecte a ironia em virtude deste modo de agir do ironista.

O quê vai nos sugerir que alguém está sendo irônico será a consciência da contradição entre o que é ostensivamente dito, opinado pelo escritor ou falante, e todo o contexto em que se manifestam.

As distinções feitas até agora são entre ironias que podem ser chamadas de específicas ou particulares, isto é: os caminhos do sendo irônico envolvendo simples vítimas e simples exposições de incongruências:

Tais ironias são corretivas ou normativas, a espécie empregada no serviço da sátira ou controvérsia ou, con-

tudo, não exclusivamente, presentes na comédia e tragédia.<sup>74</sup>

Essas ironias específicas são particularizadas em relação a algumas sociedades e sua ideologia, aqui entendida como conjunto de valores pré-estabelecidos e tacitamente reproduzidos pelos seus membros. Ao contrário dessas idiosincrasias, MUECKE estabelece uma ironia geral: "*a ironia geral é a própria vida ou algum aspecto geral da vida visto como fundamental e inescapável, um irônico estado de coisas*".<sup>75</sup>

Esta concepção é semelhante à descrita por Kierkegaard, e a sua dinâmica não é meramente corretiva ou normativa. Enquadra todos os seres humanos e não há meios de escapar. Há, no mínimo, um elemento heurístico em sua apresentação, caracterizado pela capacidade de infinita revisão e condição de questionar e suspender julgamentos, bem como manter vivo um sentido de infinitas possibilidades.

Objetivamente, a ironia geral reside nas contradições que confrontam o homem e o universo. Antes da especulação filosófica, o ironista vê o mundo esteticamente, isto é, a partir do distanciamento estético, mas não fora do contexto humano. As inescapáveis contradições e incongruências que emergem da condição humana não são irônicas *per se*. Tornam-se, unicamente, pela adição da inconsciente inocência.

Historicamente, a ironia geral está confinada aos dois últimos séculos da existência da humanidade. Os tópicos mais

<sup>74</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 119.

<sup>75</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 120.

comuns que se apresentam dentro de sua esfera são:

- a. ironia geral de eventos;
- b. ironia geral dramática;
- c. ironia cósmica;
- d. ironia da ignorância inevitável.

Não entraremos em detalhes sobre estes tópicos. Ressaltamos, no entanto, que seguindo o enfoque de Muecke, há um amplo escopo para a ironia geral no campo do conhecimento humano. Isto, devido à oposição, nem sempre reconhecida, que existe entre os obstáculos para o conhecimento e o impulso e o desejo de saber. É a ironia da ignorância inevitável.

Em resumo, Muecke está interessado em estabelecer uma sistematização para a ironia com intuito de pôr fim aos caos. Taxionomicamente, apresenta três divisões: ironia verbal, situacional e geral.

A ironia verbal e a situacional são específicas ou particulares, isto é, apresentam características peculiares aos contextos onde se manifestam. Geralmente associadas à sátira, prestam-se a um julgamento corretivo ou normativo. A ironia geral, ao contrário, é um estado de vida e arte, que se tem ou não. Aparentemente é a retomada da concepção romântica-filosófica do século XVIII. Mas, ao contrário dessa, a função niilizante de negação de tudo que não seja a própria contradição é substituída por uma função heurística.

Não tão perceptível na obra de Muecke está a linha divisória que traça entre duas concepções de linguagem e consequente utilização irônica: a que se insere em uma ideologia fechada e a uma ideologia aberta. Para a primeira, o mundo é temporal e estaticamente ordenado com as mudanças vistas como

aberrações. Para a segunda, as mudanças são vistas como iminentes e desejadas. O ironista verbal ou situacional é característico do primeiro plano. Apresenta-se como ingênuo, auto-depreciativo e de modo impessoal, tendo em vista as próprias condições contextuais. Percebe as contradições e incongruências deste sistema e utiliza a ironia como meio de corrigir e modificar o atual estado de coisas. Suas vítimas são os cidadãos livres e responsáveis e o julgamento avaliativo irônico tem um fundo moral. Assim foi Sócrates, por exemplo. A ironia geral é um fenômeno da ideologia aberta. O ironista observa toda a existência **sub specie ironiae** e está em constante desconfiança do sistema, aceita a impermanência como natural e sua capacidade de ver o que talvez já tenha acontecido do outro lado o torna um constante revisor de posições.

MUECKE aproxima o ironista geral do cientista, pois ambos estão em constante estado de descoberta. Mais ou menos como citou GOETHE: "*a pessoa deve ter um senso de ironia para ser um bom cientista, desde que qualquer resultado que alcance pode ser superado*".<sup>76</sup>

A classificação proposta por Muecke apresenta problemas, pois é difícil não ver Sócrates como um ironista geral que se utiliza da maiêutica para levar o ouvinte a apreender e aprender que as coisas não são tão simples como aparentam; ou tão complexas e duvidosas como parecem. Ou, um ironista geral como Kierkegaard, não aparecer na condição de ingênuo. O fato é que Muecke apresenta uma ressalva para isto quando diz que é

<sup>76</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 129.

fatal para a mente ter um sistema, tanto quanto não ter um. A idéia de operar com a ironia é uma espécie de simbiose entre os três casos: verbal, situacional e a geral. O ironista verbal ou situacional é, necessariamente, um ironista geral. O contrário também é verdadeiro. A ausência de um ou de outro significa operar com ornatos, não com a ironia:

A virtude do ironista é sua agilidade e esperteza mental. Seu negócio é fazer a vida insuportável para os trogloditas, a fim de manter a casa aberta para as idéias e continuar a formular perguntas.<sup>77</sup>

#### 1.5 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

O estudo feito até aqui demonstrou que há uma heterogênea coleção de rótulos e expressões para a ironia que, longe de contribuir para o seu reconhecimento, aumenta a confusão em torno do fenômeno.

Com isto, as possibilidades de êxito de uma análise, principalmente a nível de receptividade, caminham para reafirmar a afirmação de Muecke de que, em princípio, ironia é tudo o que nós concordarmos em chamar em ironia.

Na prática, porém, isto deve ser diferente. Uma consideração coerente do que é ou não irônico deve levar em conta determinadas **constantes** que prefiguram e orientam este tipo de discurso. Estas constantes podem ser buscadas em parte nos projetos apresentados que, contudo, não as coordenaram visando o seu funcionamento efetivo. De uma maneira ou outra, seja

<sup>77</sup>MUECKE, D. C. The compass of irony, p. 247.

qual for a orientação de que se parta, a ironia envolve um componente estável que a maior parte das abordagens enfocadas neste trabalho acaba por reconhecer.

A nossa hipótese assenta basicamente no reconhecimento da importância dos trabalhos anteriores e da contribuição por eles trazida para o estudo da ironia. Também, na existência das constantes que particularizam a ironia em relação a outras formas de discurso indireto.

Estabelecemos como constantes para o discurso irônico a proposta de que: a. *todas as ironias são intencionais*; b. *todas as ironias são disfarçadas*; c. *todas as ironias são avaliações negativas*. A frequência com que se pode encontrá-las em propostas díspares e a sua utilização pela pragmática moderna nos estimula a vê-las como orientando os discursos irônicos e possibilitando uma abordagem mais concreta para o assunto.

A partir da determinação das constantes, utilizaremos de uma abordagem pragmática, aqui entendida como disciplina interessada nos planos e objetivos dos usuários da linguagem, para saber se X está sendo irônico.

No que concerne a esta análise procuramos apoio nos trabalhos de BEAUGRANDE e DRESSLER,<sup>78</sup> KOCH e TRAVAGLIA<sup>79</sup> e a mesma não está isenta de uma série de pressupostos.

Em primeiro lugar o nosso enfoque decorre de uma concepção de sujeito que se utiliza da ironia para julgar, ava-

<sup>78</sup>BEAUGRANDE, Robert ; DRESSLER, Wolfgang. Introduction to text linguistic. New York : Longman, 1981.

<sup>79</sup>KOCH, Ingedore G. V. ; TRAVAGLIA, L. C. Texto e coerência. São Paulo : Cortez, 1989.

liar ou manifestar-se depreciativamente em relação à audiência ou situação:

Admitimos a dicotomia linguagem literal - figurada, sendo a ironia vista como integrando o segundo plano e incompatível com o primeiro.

As constantes terão também uma função de ponte para que a audiência determine e localize a ironia no enunciado de X.

Neste aspecto, a audiência deve ser dividida em duas categorias:

- a. a que compartilha com X de um mesmo conjunto de condições e pode apontar com segurança a presença da ironia no enunciado;
- b. a que compartilha parcialmente com X de um mesmo conjunto de condições, necessitando do **grasping** (sacar) para apontar a presença da ironia do enunciado.

Dentro desta orientação, enfocaremos no Capítulo 2 as constantes, o seu funcionamento como ponte e o conjunto de condições que devem ser compartilhados entre X e a audiência.

## 2 X É IRÔNICO?

*I ask the reader to remember that what is most obvious may be most worthy of analysis.*

(L. L. WHYTE)

Neste capítulo proporemos algumas constantes que prefiguram e orientam o discurso irônico, demonstrando que a partir delas e de um conjunto de condições compartilhadas entre X e a audiência pode-se apontar com segurança a existência da ironia.

### 2.1 AS CONSTANTES DO DISCURSO IRÔNICO

A discussão em torno das características essenciais da ironia é ancestral e marcada pela falta de consenso entre os estudiosos. Enquanto alguns defendem a existência dessas marcas, outros a renegam, atribuindo à ironia um papel tão amplo que se torna impossível precisá-la até mesmo em um contexto determinado.

Há aqueles que atribuem à ironia um papel parasitário em relação a outras figuras, tais como a metáfora, a sátira, etc, mas em nosso entendimento isto é transformar o fenômeno irônico em mero apêndice.

Esta dubiedade perpassa pelo nosso trabalho e nos conduz a um impasse. Por um lado, o receio de cercear o fenômeno elencando índices, ou estabelecendo uma matriz prototípica

para o mesmo, que conduziria para um evidente empobrecimento de sentidos. De outro, o receio de se obter apenas uma vaga impressão da ironia, mais ou menos como aqueles escritores que receando serem considerados muito simples ou ingênuos, nada especificam e apenas fazem menção da palavra. **A óbvia ironia dessa passagem...** (o grifo é nosso), e que em nada contribuem para trazer esclarecimentos.

Tendo como ponto de partida esta dicotomia e, necessitando de uma definição de trabalho que não peque pelos extremismos, propomos como inerente ao discurso irônico **três constantes**:

- a. todas as ironias são intencionais;
- b. todas as ironias são disfarçadas;
- c. todas as ironias são avaliações negativas.

Optamos por estas três constantes porque são localizadas na maior parte dos trabalhos desenvolvidos sobre o assunto ao longo dos séculos. A frequência com que se manifestam nas diferentes abordagens é, em nosso entendimento, um componente estável que se mantém apesar das variações contextuais e dos diferentes pressupostos e objetivos.

a. **Todas as ironias são intencionais**, isto é, deliberadamente e propositalmente elaboradas para serem ouvidas e lidas com certa precisão pela audiência.

(...) Sinésio cantou a calvície e Luciano a mosca parasita. Plutarco escreveu o diálogo do grilo com Ulisses, Apuleio falou do burro; e um tal de

Grunnio Corocota fez o testamento do porco citado por São Jerônimo.<sup>1</sup>

Cada qual, em sua época e segundo propósitos específicos usou a ironia. Associada à sátira, reforça a idéia de uma estratégia particular deliberadamente criada segundo as intenções do autor.

A possibilidade de associar a ironia com a sátira, a metáfora, o humor, o riso, etc, está inserida dentro da intencionalidade e constitui recurso muito utilizado a fim de se obter maiores e melhores efeitos pela utilização do fenômeno.

A intencionalidade subjacente a todo discurso irônico não deve ser compreendida aqui como uma proposta idealista,<sup>2</sup> mas como um objetivo ditado pela situação imediata em que a ironia é empregada. Erasmo de ROTERDAM<sup>3</sup> elogiou a loucura sem estar efetivamente louco. BARRETO<sup>4</sup> fez um diário de lucidez e ambos são irônicos não por causa da sátira, que às vezes é agressiva, mas pela sutileza com que avaliaram as circunstâncias em que estavam inseridos e remeteram os leitores para novas e insuspeitadas significações.

A intenção do ironista é o próprio disfarce e a avaliação negativa. O disfarce pressupõe uma intenção que o ironista procura mostrar à audiência. Não diretamente, mas mantendo um

<sup>1</sup>ROTTERDAM, Erasmo. O elogio da loucura. Rio : Tecnoprint, |19--| p. 24. (Clássicos de Bolso).

<sup>2</sup>Ver SEARLE, J. Intentionality: an essay in the philosophy of mind. Cambridge : Cambridge University Press, 1983.

<sup>3</sup>ROTTERDAM, p.

<sup>4</sup>Ver BARRETO, Lima. Um longo sonho do futuro. Rio : Graphia Editorial, 1993. p. 153-192.

certo distanciamento em relação ao elemento depreciativo, assim como, conscientemente, **dizendo e não-dizendo** tal coisa.

O que ocorre é uma relação de simultaneidade entre as três constantes e, se as separamos, é por razões metodológicas. Sócrates, por exemplo, utilizava a ironia para apontar o erro de seus interlocutores e a maiêutica para obrigá-los a tirar de si próprios a verdade procurada, numa relação simultânea e previamente calculada.

A nossa hipótese para o fato de as ironias serem intencionais repousa no planejamento, no cálculo meticuloso para a sua utilização que não é a esmo. A maciça utilização do termo faz com que nos deparemos com enunciados como: **é irônico que... tanta ironia em suas palavras... o mundo pós-moderno é irônico...** que são vazios, destituídos de significado, pois carecem de um propósito prévio, ou seja, uma intenção: *"ao verem, os tolos, as sombras e as aparências de diversas coisas, admiram-nas e nada mais procuram, dando-se por satisfeitos"*.<sup>5</sup>

Em suma, a idéia de que todas as ironias são intencionais parte do pressuposto de que são estratégias cuidadosamente elaboradas pelos ironistas a partir de objetivos ditados pelas circunstâncias.

Embora os objetivos possam variar segundo a época, o local e os interlocutores, isto não exclui a necessidade do planejamento apurado. Pelo contrário, a cada nova situação, o ironista deve lançar mão de novos e melhores recursos para alcançar seus propósitos, evitando fórmulas consagradas pelo uso

<sup>5</sup>ROTTERDAM, p. 86.

e que perdem o impacto na medida em que são rotineiramente utilizadas.

De Sócrates a Grice, entre outros, percebe-se esta intenção, que se opõe e exclui para fora do âmbito da ironia as utilizações **urbi et orbi** do termo, isto é, generalizações sem referências específicas e destituídas de quaisquer intenções, que não a de preencher folhas.

b. **Todas as ironias são disfarçadas**, isto é, não se apresentam explicitamente. O ironista não diz diretamente, mas usa o recurso do discurso indireto. O significado literal deve ser substituído por outro a partir das informações fornecidas pelo contexto e pelo conjunto de condições compartilhadas entre o ironista e a audiência. A dificuldade maior reside no fato de se estabelecer uma proposição estritamente relacionada com a que será substituída, principalmente em se tratando de significado figurado. O fato é que mesmo para pessoas estreitamente relacionadas e familiarizadas umas com as outras, não se pode esperar uma substituição **in totum**, pois as mediações em relação ao mundo são diferenciadas para cada sujeito.

*"Sempre que uma palavra parece provocar alguma dúvida no sentido, devemos considerar de quantas maneiras ela pode ser interpretada no contexto".<sup>6</sup>*

Apesar de a ironia não se apresentar abertamente, é propositalmente elaborada para ser reconhecida pela audiência ao contrário, por exemplo, da mentira. Se, no cálculo do disfarce,

<sup>6</sup>ARISTÓTELES. Crítica e teoria literária na antiguidade. Rio : Tecnoprint, |19--|. p. 54 (Coleção Universidade).

o ironista não deixar pistas que evidenciem a sua intenção, pode haver interpretação errônea do enunciado.

Na busca de melhores efeitos, o ironista pode buscar a associação da ironia com a metáfora, hipérbole, etc. Embora a abordagem da metáfora não faça parte do escopo deste trabalho, ressaltamos que em um enunciado metafórico a audiência não encontra incompatibilidades entre o significado apresentado do significado pretendido, podendo aceitar tanto um quanto outro. Na ironia, ao contrário, não há como conciliar os dois níveis, pois trata-se, realmente, da substituição de um pelo outro.

O disfarce remete para a proposta do retórico Quintiliano, de que as ironias devem ser interpretadas como significando o oposto ou algo diferente do que é dito pelo ironista. Esta proposta, no entanto, é vaga se não levar em conta as informações prestadas pelo contexto em que a ironia for utilizada. Por exemplo:

(1) Que disposição!

Se considerarmos que tal frase foi dita ao Presidente Itamar Franco e considerarmos apenas o significado oposto teremos:

(2) Que falta de disposição!

Para audiências que não compartilham do mesmo conjunto de conhecimentos do ironista (2) é vago. Isto faz com que o disfarce, além de fruto de uma elaboração calculada, uma intenção, seja relacionado às circunstâncias e adequado a cada contexto e interlocutores. É óbvio que isto já faz parte do cálculo prévio do ironista.

O disfarce pode se apresentar duplamente, isto é: na figura do ironista e simultaneamente no seu enunciado. Assim como Sócrates, que aparecia na condição de ingênuo, ávido para aprender e atingir seus intentos através da ironia.

Diante de uma sabedoria transbordante, ser tão ignorante, tão bobo, ser tão pateta quanto possível, e no entanto ao mesmo tempo mostrar tanta boa vontade de aprender (...).<sup>7</sup>

E esta não é apenas uma condição das ironias verbais. Nas ironias escritas também há esta dissimulação por parte do escritor, como um meio de se afastar, mantendo um distanciamento entre o que é dito e o que é realmente significado. Um meio de se proteger (**face-preserving**) e ao mesmo tempo avaliar o Outro.

O disfarce é como uma máscara, uma persona.<sup>8</sup> Que alguém utiliza aqui e acolá, ao sabor das necessidades de cada contexto. Tem um papel duplo, pois permite que o ironista se distancie e ao mesmo tempo que o interlocutor se revele através de sua reação. A máscara irônica pode ter a sua utilização direcionada para o mal, como em Teofrasto; ou para o bem, como em Sócrates.

Fora dos julgamentos morais, é o disfarce que permite à audiência fazer as inferências acerca do significado intencionado. Que aponta as novas significações e permite que a sua essência seja resumida pelo apontar das mazelas e do louvor à Loucura.<sup>9</sup>

<sup>7</sup>KIERKEGAARD, S. O conceito de ironia constantemente referida a Sócrates. Petrópolis : Vozes, 1991. p. 218.

<sup>8</sup>Como na ironia auto-depreciativa.

<sup>9</sup>ROTTERDAM, p.

c. **Todas as ironias são avaliações negativas**, isto é, não posso dizer alguma coisa ironicamente a menos que o que eu diga reflita uma hostilidade, um julgamento depreciativo ou um sentimento como a indignação ou o desprezo.<sup>10</sup>

Esta posição tem sido defendida pela pragmática moderna<sup>11</sup> e indica uma retomada da posição clássica em relação à ironia.

A freqüente associação da ironia com a sátira parece ser uma resposta para a intenção do ironista reforçar o aspecto avaliativo de seu enunciado. Mas o exagero neste tipo de ligação enfraquece a ironia na medida em que o caráter agressivo é sucessivamente exposto. A superioridade do recurso irônico é exatamente a sutileza ao veicular a avaliação e permitir que a audiência, indiretamente, faça as inferências necessárias para captá-lo.

Se, como entendeu LONGINUS,<sup>12</sup> a sátira é a exageração da insignificância, então nada melhor que o disfarce irônico para apontar, se for o objetivo do momento, tal fato na audiência ou situação observada.

A idéia de avaliação negativa engloba, em nosso entendimento, a manifestação de agressividade, a hostilidade, a indignação, etc, na medida em que estas atitudes ou sentimentos têm latentes um caráter avaliativo. Um comportamento agressivo, como o do ex-presidente Fernando Collor, por exemplo, pode ser explicado a partir de um sentimento de insegurança em

<sup>10</sup>Ver GRICE, H. P. Further notes on logic and conversation.

<sup>11</sup>Circunscrita neste trabalho às três últimas décadas.

<sup>12</sup>LONGINUS. Crítica literária na antiguidade. Rio : Tecnoprint, |19--|. p. 131 (Coleção Universidade).

relação aos que o cercam. A agressividade manifesta uma constante avaliação em relação à audiência. É agressivo porque avalia estar ameaçado. A diferença é que Collor nunca foi um bom ironista, pelo contrário.

O ironista pode, de acordo com as circunstâncias e objetivos, fazer uma avaliação negativa para implicar um elogio. O julgamento, que deve ser interpretado pelo sentido inverso, está presente no enunciado. A não ser que tenha pistas claras, esta ironia leva a freqüentes mal-entendidos, até mesmo entre pessoas de larga convivência.

A avaliação negativa não escapa da ambigüidade que acompanha as constantes. É um meio para se alcançar um fim. Pode servir para propósito elevados ou destrutivos. A escolha pressupõe o cálculo elaborado, a intenção que permite ao ironista rir do próprio riso de outrem.

## 2.2 AS SITUAÇÕES COMPARTILHADAS

As três constantes que propomos anteriormente servirão como **pontes** para que a audiência localize a ironia nos enunciados. Para que isto ocorra é necessário um conjunto de condições compartilhadas entre X e a audiência.

a. **Elementos lingüísticos:** imaginemos que o filósofo Sócrates reencarnasse e aqui, na UFPR, dissesse:

ὄντι δὲ μ' ἐὼν ὀλίγος τε καὶ οὐτιδανός καὶ ἀεικῆς <sup>13</sup>

<sup>13</sup>Literalmente: "E agora um homem vil, mesquinho e mau". In: ARISTÓTELES. Crítica literária na antiguidade, p. 47.

Com exceção do professor Constantino<sup>14</sup> e alguns poucos, nada entenderíamos. É grego. Mesmo pecando pela simplicidade, a situação demonstra a necessidade de que ironista e audiência compartilhem do mesmo código e sintaxe. Inclusive, havendo a utilização de termos regionais típicos, deve existir a preocupação se o repertório da audiência é compatível com o emprego dos referidos vocábulos. Isto também se aplica para os casos de uso de gíria, chavões, termos técnicos e da norma culta.

Não se pode esperar repertórios lingüísticos equivalentes entre as pessoas, o que é humanamente impossível. Se o ironista não levar em conta o contexto e a audiência para quem direciona a ironia e, na busca de recursos para tornar mais eficaz a sua estratégia, não considerar este dado, há grandes possibilidades de fracasso.

Em determinadas regiões do nordeste brasileiro a palavra "solteira", usada em nosso contexto para indicar aquela que não é casada, tem uma conotação de "mulher da vida", prostituta.<sup>15</sup> Alguém que desconheça este fato pode sofrer sérias perfurações ao tentar fazer uma ironia.

As ironias do comentarista de economia da Rede Globo, Joelmir Beting, por exemplo, apesar de veiculadas em um meio de comunicação de massa, são intencionalmente direcionadas para um público alvo específico: os que têm domínio do "economês".

<sup>14</sup>Professor Constantino Comminos do Departamento de Ciências Sociais da UFPR.

<sup>15</sup>Informação prestada pelo pd. Afonso Robl durante uma aula de História da Língua Portuguesa no curso de Pós-Graduação em Lingüística.

As inferências feitas pelas outras pessoas a partir de seus enunciados são as mais diversas (não-autorizadas). Claro que isto também tem a ver com o conhecimento de mundo, outra condição que postulamos como necessária para ser compartilhada entre ambos, mas o elemento lingüístico é essencial. Não há como a audiência buscar uma das constantes se não tem acesso ao léxico usado pelo ironista.

Isto não significa que advogamos marcas lingüísticas específicas para a ironia. Alguém pode ver na utilização dos diminutivos um traço de ironia. Sem outras especificações contextuais esta caracterização é improvável.

Em nosso entendimento, a importância do elemento lingüístico está em seu emprego como pista de cálculo por parte da audiência, que, agregado ao conhecimento de mundo e fatores pragmáticos, permitirão apontar com segurança a presença de uma ironia.

**b. Conhecimento de mundo:** deve existir um certo grau de similaridade entre o conhecimento de mundo do ironista e da audiência para existir a compreensão.

Se não houver correspondência entre os conhecimentos ativados a partir do enunciado irônico e o conhecimento de mundo da audiência as inferências serão díspares; não se perceberá que se trata de ironia pois as constantes podem não ser localizadas.

Será o conhecimento compartilhado de mundo que vai permitir que a audiência faça o relacionamento de elementos da mensagem, isto é, do enunciado entendido literalmente que apa-

rentemente não tem nenhuma relação com o contexto do enunciado, através de inferências.

Entendemos como inferências aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no enunciado, no texto, etc, entre dois elementos da mensagem. São operações necessárias para suprir lacunas que representam descontinuidade de sentido. Ou conexões que as pessoas fazem quando tentam alcançar uma interpretação do que lêem ou ouvem. Isto é, o processo pelo qual o receptor consegue captar, a partir do significado literal, o **algo mais** que o emissor pretende veicular.

O surgimento das inferências ocorre de uma necessidade e do conhecimento de mundo do ironista e da audiência. São lingüística e psicologicamente fundadas.

Como é freqüente os produtores de mensagens abrirem muitas linhas de possíveis inferências, constitui trabalho do ironista ressaltar, a partir das constantes, o ponto que deseja implicar, evitando inferências não-autorizadas.

No exemplo do comentarista econômico anteriormente citado, não é apenas o jargão empregado que se torna uma barreira para a audiência, mas o conhecimento de mundo: os mecanismos e a dinâmica do mercado financeiro, da inflação. As unidades de referência e os índices que, de meros atualizadores, parecem adquirir vida própria, plasmados que são pelo desconhecimento das pessoas.

**c. Fatores pragmáticos:** vão assumir uma importância considerável para as ironias na medida em que o seu reconhecimento dependerá de fatores como o contexto de situação, interação

e interlocução, características e crenças do ironista e audiência, características da mensagem, etc.

Um dos fatores pragmáticos, por exemplo, a intenção comunicativa, está relacionada diretamente à constante "todas as ironias são intencionais", embora esta não se limite ao simples comunicar de uma representação.

A situacionalidade, que se refere ao conjunto de fatores que tornam uma mensagem relevante para dada situação de comunicação, tem um papel de maior destaque para a coerência discursiva oral do que para a escrita. Em uma ironia verbal oral os elementos da situação cooperam no estabelecimento de relações entre os elementos da mensagem irônica em mais alto grau que na escrita.

Podemos inserir dentro dos fatores pragmáticos a focalização, que tem relação direta com o conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado. Em uma troca comunicativa as pessoas envolvidas vão focalizar a sua atenção naquilo que conhecem e acreditam. A idéia de que o ironista, como parte de sua intenção, faz um cálculo elaborado dos recursos a serem utilizados, leva em conta os dados fornecidos pelo repertório, de conhecimento de mundo, entre outros, para que a focalização do interlocutor convirja para uma das constantes, para a ironia.

### 2.3 AS CONSTANTES E O TRABALHO DE LOCALIZAÇÃO DA IRONIA

A audiência<sup>16</sup> que compartilha com X de um mesmo conjunto de condições pode apontar com segurança a existência da

<sup>16</sup>Leitores e ouvintes.

ironia nos enunciados utilizando as constantes como pontes neste trabalho.

Consideraremos alguns passos neste sentido, mas tendo em vista que diferentes interlocutores podem chegar as constantes e a ironia sem esta sistematização, ou utilizando procedimentos heurísticos diferenciados. De qualquer forma apresentamos a seguinte proposta:

a. **A audiência deve rejeitar o sentido literal:** não porque ela simplesmente não concorda com o mesmo, mas se está prestando atenção ao que ouve ou lê, será capaz de perceber incongruências entre as palavras ou entre as palavras e alguma coisa que conhece. O caminho para apontar o excesso de significado passa, necessariamente, pela convicção de que este é incompatível com o sentido literal.

A seguinte passagem de VOLTAIRE ilustra este caso:

*"Quando tudo estiver terminado e os reis rivais estiverem celebrando as respectivas vitórias com o Te Deums em seus campos de batalha".<sup>17</sup>*

Mesmo sem o contexto satírico fornecido por Cândido ou conhecimento sobre o autor, a declaração é incompatível com um estado de coisas deste mundo, isto é: implica em uma proposição incongruente como, **ambos os lados venceram a guerra, ou Deus pode dar a vitória para ambos os lados em uma mesma guerra.**

<sup>17</sup>VOLTAIRE. Cândido ou o otimista. Rio : Tecnoprint, |19--|. p. 138.

Nem todos os casos vão se apresentar visíveis ou consistentes como esta passagem. Se, por exemplo, a banca examinadora de uma dissertação escreve à margem deste: **muito bem escrito**, embora o trabalho peque pela inconsistência metodológica e a apresentação tenha sido incompleta, a audiência tem razões para suspeitar do sentido irônico da observação e rejeitar o sentido literal, aceitando-o como disfarçado. Mas apenas depois de ler o trabalho em questão.

Neste caso, a rejeição do significado literal envolve a busca de pistas contextuais e de um conhecimento compartilhado entre banca e a audiência do que sejam as normas exigidas para a elaboração de uma dissertação, a fim de que se detecte o caráter de disfarce do comentário.

Ironias que implicam o oposto do que é dito literalmente podem levar aqueles que não compartilham do mesmo conjunto de condições a suposições errôneas. **Muito bem escrito** pode ser colocado em um extremo de uma escala e **muito mal escrito** em outro (o ironista diz X querendo significar ~X). Ocorre que entre estes extremos pode ser inserido **razoavelmente**, etc. A banca está ironizando mas nem por isto pode estar implicando que o trabalho é péssimo.

As suposições errôneas referem-se ao grau da avaliação negativa, não ao julgamento **per se**, que é uma das constantes do discurso irônico.

b. **A audiência deve testar ou tentar explicações alternativas**: isto é, na medida em que interpretações plausíveis falhem em apontar a ironia deve-se considerar se houve **lapsus linguae** por parte do emissor; se ele é louco; se está brin-

cando - e aqui verificar se o discurso não-sério, o humor e o riso estão associados à ironia; se a audiência perdeu algo anteriormente mencionado; se as palavras utilizadas não têm um significado diferente do que a audiência conhece, etc.

Pode-se considerar que o ironista é suficientemente tolo para não perceber que o seu enunciado pode ser aceito como está. Mas, podemos enveredar por um caminho errado se não levarmos em conta que apresentar-se como tolo ou ingênuo é uma estratégia que pode ser utilizada pelo ironista para alcançar seus objetivos.

Se a audiência compartilha do mesmo conjunto de condições que o ironista o leque de interpretações alternativas é pequeno, já que as atitudes e o discurso contumaz tornam-se evidentes.

Tomemos como exemplo o seguinte enunciado do ex-presidente Collor: "Vamos acabar com os descamisados do Brasil!" A afirmação é obviamente defectiva se tomada literalmente pois contrasta com o conjunto de possibilidades existentes para a realização de tal feito. Mesmo assim, para a audiência de mais 30 milhões de eleitores, o fato não foi considerado e interpretações alternativas desconsideradas. Para este contingente de pessoas, que não conheciam sua história de bravatas, hipóteses como: ele é louco, é mentiroso, sequer foram aventadas. Se fossem, não votariam. A afirmação pode ser considerada irônica, e não uma mentira, na medida em que esta violação explícita da máxima de qualidade se presta a um julgamento avaliativo da falta de arrojo das propostas dos demais concorrentes na eleição de 90. Infelizmente, não encontramos elementos que sustentem esta hipótese.

**c. A audiência deve deliberar sobre o conhecimento e crenças do ironista:** assim como: se um amigo entra na sala e diz, "a inflação acabou", as inferências que os interlocutores podem fazer a partir do contexto são rápidas e automáticas, mas a audiência deve considerar também o caráter, crenças e as estreitezas de suas relações com o ironista. "A inflação acabou" pode significar uma gama enorme de coisas, dependendo da situação.

As convicções da audiência de que o amigo que fala da inflação está sendo irônico repousam na rejeição do sentido literal e no estabelecimento de uma avaliação negativa em relação a falta de controle da inflação, incompetência dos governantes, etc. Pode-se aventar a hipótese de que o amigo gastou excessivamente nos shoppings da cidade e para justificar seu dispêndio disse: "a inflação acabou". Mas, mesmo assim, permanece implícita a idéia de avaliação negativa: um desdém pelos altos preços, pois tem dinheiro em excesso, etc. Quer dizer, além das informações prestadas pelo contexto (situação econômica do país, inflação galopante, entre outras), a audiência tem que deliberar sobre o conjunto de crenças do ironista, seu caráter (é um perdulário nato), seu conhecimento.

Não importa quanto a audiência esteja convencida de que a afirmação é ilógica, falsa, absurda. O que ela rejeita também deve ser rejeitado pelo ironista.

**d. A rejeição do sentido literal implica na busca de novos significados que devem ter um caráter avaliativo negativamente:** a partir do conhecimento que a audiência tem do amigo perdulário pode inferir que se o mesmo diz: "Curitiba é uma cida-

de do 1º mundo", após visitar o Jardim Botânico e passar ao lado da favela da Vila Pinto<sup>18</sup>, que não está elogiando as estruturas tubulares e o acrílico que compõem o jardim. A busca pela ironia é a das constantes, caso contrário será tudo menos um discurso irônico.

Como a busca de novos significados que tenham um caráter avaliativo negativamente implica em compartilhar um conjunto de condições, entendemos que esta idéia se aproxima daquela defendida pelos retóricos, pelo menos até o século XIX, da existência de locais intelectuais que fornecem pontos de concordância. Estes locais, ou topois argumentativos vão ter importância em termos de cooperação retórica, ou seja, da aceitação de argumentos, e funcionar como meio de limitar a ação de inferências por parte da audiência, contribuindo para que a reconstrução irônica seja direcionada:

(...) os gregos chamavam **topoi**, os latinos **loci**, e os ingleses **places** - eram utilizados quase que literalmente como plataformas nas quais falantes e ouvintes podiam seguramente se manter enquanto conduziam um argumento; há os **commons places** que fornecem pontos de apoios úteis em argumentos de todo e qualquer assunto e os **special places** úteis somente para certos assuntos ou espécies de argumentos.<sup>19</sup>

e. A idéia de que a ironia aparece sempre disfarçada deve forçar a audiência a buscar pistas externas para apontar esta constante: nas ironias verbais orais a audiência pode

<sup>18</sup>Favela de Curitiba situada no Jardim Botânico (Ex-Capanema).

<sup>19</sup>BOOTH, Wayne C. A rhetoric of irony. Chicago : The University of Chicago Press, 1974. p. 35.

buscar o auxílio dos gestos, como um movimento de ombros ou expressão facial. Um piscar de olhos ou mover os lábios em sentido não usual. Coçar a cabeça, etc, podem nos dar informações diretas sobre as intenções ocultas atrás das palavras do ironista. Não se pode garantir a existência de gestos e movimentos típicos para as emissões irônicas, apenas que o aspecto inusitado funciona como um alarme para a rejeição do sentido literal. Há que se considerar a dependência sócio-cultural de tais gestos e movimentos, com as suas significações variando de acordo com o local. No Tibete, por exemplo, mostrar a língua para os estrangeiros ou visitantes não é sinal de má-educação como no Brasil.

Nas ironias escritas, pode-se começar a partir dos títulos e manchetes: **O Elogio da Loucura** (Erasmus de ROTERDAM), **Diário do Hospício** (Lima BARRETO), **Tiroteio nos anos de Malu Mader** (Jornal Notícias Populares, 12 set. 91), etc. Nestes títulos, a contradição aparente, o paradoxo e o enganamento com o humor são indícios de que, apesar de constituírem epítetos diretos do autor, pode-se esperar uma significação irônica disfarçada.

Sem entrar nos méritos de como se processa o conhecimento e a compreensão, objeto de outras disciplinas, e que não faz parte deste trabalho, entendemos que o princípio da racionalidade e da cooperação já funcionam como fatores excludentes para o sentido literal destes títulos.

Estas pistas externas são necessárias já que a audiência não dispõe de um auxílio real, como o proposto por Marcel Bernhardt que, com o pseudônimo de Alcanter de Brahm, publicou

em 1899 um trabalho intitulado **L'Ostensoir des Ironies** em que sugere que os ironistas usem uma marca de pontuação especial (¿), **Le petit signe flagellateur**.<sup>20</sup>

Nas ironias escritas, o ironista pode se valer da reversão de fatos históricos como o imaginário volume seiscentista **Sobre a Exteriorização ou Inédito de Dante Sobre Saussure**<sup>21</sup>, ambas de Umberto Eco. Se a audiência não compartilhar do mesmo conjunto de condições pode ser levada como o editor que procurou a obra do autor seiscentista para publicar.<sup>22</sup>

(...) quando a revista L'Espresso mudou de formato, passou de 80 para 300 mil exemplares, eu continuei a escrever as mesmas coisas, mas comecei a receber cartas de pessoas que levavam a sério aquilo que eu dizia ironicamente. A experiência que obtive com os romances é que (as cifras continuam sendo hipotéticas) até 100 mil leitores compreendem as convenções da narrativa (isto é, que o narrador finge afirmar seriamente uma coisa imaginária). Quando se atinge tiragens maiores, começam a chegar cartas de leitores que, por exemplo, foram verificar nos registros do Cartório de Lecce que nunca existiu uma certa Lúcia Mondella e que, portanto, você mentiu.<sup>23</sup>

Passagens inverossímeis, inacreditáveis, inseridas em textos e que não se coadunam com a idéia geral a respeito, estabelecendo um conflito de crenças entre ironista e audiência

<sup>20</sup>MUECKE, C. C. The compass of irony. London : Methuem, 1969. p. 56.

<sup>21</sup>Jornal Folha de São Paulo, 18 fev. 1992. p. 6-4.

<sup>22</sup>Idem.

<sup>23</sup>Idem.

também são comuns e alertam para o caráter de disfarce nas ironias escritas.

A violação de crenças é uma base de cálculo para apontar a ironia que não pode ser negligenciada. Se alguém diz: "não há corrupção no Brasil", há uma evidente manipulação de crenças nisto, pois os corruptos fazem parte da cultura da nação. Há uma institucionalização da arte de furtar subrepticiamente que poucos poderão negar o caráter irônico do enunciado.

Estes passos que apresentamos irão variar segundo as audiências, o tempo, o lugar, etc, mas o propósito é sempre o de apontar as constantes, ou seja, a própria ironia. A localização de uma das constantes implica automaticamente na presença das outras duas e na determinação daquele enunciado como irônico. Não concebemos enunciados mais ou menos irônicos como, por exemplo, possuindo uma, duas constantes. São indissociáveis. Afirmações como: "você está sendo meio irônico" ou "com um leve tom de ironia", que sugerem uma escala para a ironia são falaciosos. A ironia não admite meio termo: ou você é ou não é irônico. Podemos estabelecer de acordo com a situação uma graduação para a avaliação negativa, mas isto não implica em ser "meio irônico".

Após estas considerações passaremos para o estudo de um **corpus** constituído por matérias publicas pelo jornal Folha de São Paulo em diferentes datas nos anos de 1991 e 1993 e que não estão, necessariamente, em ordem cronológica de acontecimento. São textos do gênero jornalístico: notícias, reportagens e artigos, que apresentam uma estrutura formal própria para a veiculação em meios de comunicação de massa. Não entra-

remos em detalhes sobre este aspecto, convergindo nossos esforços para apontar a existência das constantes nos mesmos.

Para escrever ironicamente com sucesso um escritor deve estar alerta para duas audiências: aquela que irá reconhecer a intenção irônica e gostar do jogo, e aquela que é o objeto da sátira e é enganada por ela. Isto indica que o ironista está implicado com aqueles seus leitores que compartilham de seus valores superiores, inteligência e sensibilidade literária; juntos contemplarão com desdém a multidão ignorante.<sup>24</sup>

#### 2.4 O CORPUS

A metodologia de escolha do **corpus** teve como base a presença das constantes nos textos apresentados, permitindo às audiências que compartilham com X do mesmo conjunto de condições, apontar com segurança a existência da ironia.

Ao lado destes exemplos prototipicamente irônicos apresentamos alguns textos que apesar de incluírem o termo ironia não podem ser caracterizados como tal, pois estão desfalcados de uma das constantes.

**Texto nº 1:**

ULYSSES IRONIZA A  
POSIÇÃO DE COLLOR

O deputado Ulysses Guimarães disse ontem que o presidente Fernando Collor quis criar intriga ao exigir anteontem em Madri que, antes de procurá-lo para um entendimento sobre a campanha parlamentarista, Ulysses faça **mea culpa**

<sup>24</sup> BOOTH, Wayne C. A rhetoric of irony, p. 105.

por não ter trabalhado por esse sistema de governo durante a Assembléia Nacional Constituinte, que presidiu. O deputado ironizou o pedido de Collor, que pediu uma retratação pública: "se querem que eu diga que me converti agora, muito bem, a conversão é um dos atos mais bonitos. No entanto, não sou fotógrafo para me retratar".

(FSP, 17 maio 91).

Texto nº 2:

FOREMAN ACEITA IMAGEM

DE ESTAR VELHO E GORDO

O norte-americano George Foreman, 43, desafiante do campeão mundial dos pesos pesados, Evander Holyfiels, 28, entrou para o circo que envolveu a luta de ontem no mínimo bem-humorado. Em uma de suas declarações à imprensa, ele dizia: "eu provavelmente me tornaria campeão mundial para sempre se a organização permitisse a nós, lutadores, comer entre os assaltos". Essa foi uma das ironias que Foreman utilizou para minimizar, pelo menos para a imprensa, seu problema de excesso de peso (...).

(FSP, 20 abr. 91).

Texto nº 3:

ERMÍRIO FAZ PIADA DE

SUA VOTAÇÃO PARA REI

Foi com muitas gargalhadas que o empresário Antonio Ermírio de Moraes disse ter recebido o resultado da pesquisa datafolha que o aponta como candidato mais cotado a rei do Brasil (7%). Ermírio só perdeu para um descendente da família real de D. Pedro II (11%).

"Acordei com uma bruta dor de cabeça mas quando vi a pesquisa ri tanto que ajudou a passar a dor", disse. "A família real deve estar muito preocupada a essa hora". O resultado da pesquisa foi motivo de brincadeiras em casa. As filhas, segundo Ermírio, eram chamadas de princesas todas as vezes que se referiam a ele como rei".

A mulher, Maria Regina, foi mais irônica. "Como usar coroa e paramentos de rei se a gravata só vive torta". O empresário concordou. Disse, que na verdade, nunca se preocupou com a aparência. "O título estaria mais para Collor do que para mim".

(FSP, 06 maio 91)

**Texto nº 4:**

IRONIA COLOCA FILME SEM GRAÇA EM  
CATÁLOGO DE COMÉDIA NA LOCADORA

Hollywood não perde a mania de plagiar a si mesma. Faroestes, comédias musicais, nada escapa à saga antropofágica que singelamente vai devorando todos os gêneros até reduzi-los a pó. A comédia é a maior vítima (...). Aí se encaixa **Dois Vigaristas em Nova York**, de Mark Rydell (...). É muito açúcar para pouca massa. Entre um enjôo e outro, resta ao espectador digerir tudo rápido e contentar-se com cenas óbvias. Só pode ser ironia o filme estar catalogado como comédia nas locadoras.

(FSP, 24 out. 91)

**Texto nº 5:**

DALTON TREVISAN DISTRIBUI  
FOLHETO AUTOGRÁFICO

O escritor curitibano Dalton Trevisan, 65, que não se deixa fotografar nem dá entrevistas, se expôs num irônico autorretrato em que define seus textos como repetitivos. A auto-crítica **Quem tem medo do vampiro?** foi publicada em um fanzine editado pelo autor e que está sendo distribuído a seus amigos (...). Na crítica editada agora, Trevisan é demolidor. Compara sua centena de contos à fabricação em série de vasos de barro. Tacha seu erotismo de pornografia grosseira e diz que a simplicidade do texto é resultado de um vocabulário que não ultrapassa 80 palavras (...).

(FSP, 25 maio 91)

Texto nº 6:

BRASÍLIA DESERTA TEM  
CARA DE CARTÃO POSTAL

(...) das janelas do lado leste dos hotéis, a impressão é a mesma de um cartão postal, em que nada se move: em uma só imagem aparece o Congresso no meio da Esplanada dos Ministérios (...). Os **conciêrges** perguntam no **chek-in** se o hóspede quer apartamento com vista para o mar. "De lama", explicam logo com ironia.

(FSP, 05 ago. 91)

Texto nº 7:

APENAS UM SARAU?

O vereador petista Pedro Dallari chegou (atrasado) no ato de lançamento, na noite de 2.<sup>a</sup> feira, do Movimento Opção Brasil, com uma ironia pronta na ponta da língua: "adoro vir a esses saraus da sociedade civil". É uma frase cruel (...). Não é pouco reunir no mesmo palco-palanque desde Jair Meneguelli, presidente da CUT, ao vice-presidente da FIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira (...).

(FSP, 13 nov. 91)

Texto nº 8:

MONTORO FILHO IRONIZA  
DÚVIDAS DO TRIBUNAL

O presidente da comissão diretora do Programa Nacional de Desestatização, André Franco Montoro Fº, ironizou as dúvidas levantadas pelos técnicos consultados pelo TCU sobre a legitimidade do preço mínimo estabelecido para a venda da Açominas. "Se eles fossem meus alunos seriam reprovados sem direito à reavaliação", disse Montoro Fº, que é professor da Faculdade de Economia da USP.

(FSP, 25 ago. 93)

Texto nº 9:

GOLEADA NÃO ILUDE  
DEFENSORES DE TELÊ

As duas vitórias da seleção, em especial a goleada de 6 a 0 sobre a surpreendente Bolívia, não mudaram muito a opinião dos mais conhecidos opositores do técnico Carlos Alberto Parreira à frente da seleção: "de repente a goleada sobre a Bolívia teve o efeito de uma vitória sobre a Alemanha em final de Copa do Mundo", ironizou o apresentador Sérgio Groisman.

(FSP, 01 set. 93)

Texto nº 10:

OAB ENTRA EM AÇÃO DE  
INCONSTITUCIONALIDADE

A OAB vai entrar com ação de inconstitucionalidade contra a revisão constitucional, caso o Senado não tome esta medida. (...) O presidente da OAB contesta a legitimidade do Congresso para promover a revisão constitucional (...). "Se não fosse a certeza que temos da impermeabilidade do atual Congresso às seduções do poder econômico frente ao pleito de 94, diria que o custo das campanhas, em torno de U\$ 500 mil a U\$ 1 milhão, interfeririam neste processo. Felizmente temos um Congresso altamente comprometido com os interesses da nação e que não se deixa seduzir", declarou o presidente da OAB em tom irônico.

(FSP, 18 ago. 93)

Texto nº 11:

BRIZOLA RECLAMA  
DE ASSÉDIO SEXUAL

O Rio de Janeiro pode ser o primeiro Estado a ter uma delegacia de proteção ao homem se depender do governador Leonel Brizola. Ele afirmou que se sente assediado sexualmente, oprimido e pressionado pelas mulheres.

"Os direitos são iguais para homens e mulheres. Estão me constringendo, me oprimindo", reclama o governador. Ironias à parte, Brizola se declarou irritado com as constantes notícias publicadas nos jornais cariocas dando conta de supostos romances seus. (...)

(FSP, 11 ago. 93)

Texto nº 12:

### CIÊNCIA

O comércio de pedaços de âmbar antigo que conservem insetos pré-históricos está crescendo nos EUA, impulsionado pelo filme "O Parque dos Dinossauros". No filme, é a partir de um mosquito achado em âmbar que se consegue o DNA dos dinossauros. É uma ironia. Está ficando difícil obter material para pesquisa, diz o geneticista George Poinar, da Universidade da Califórnia. (...)

(FSP, 23 jun. 93)

Texto nº 13:

### BRASILEIROS E AMERICANOS

#### DÃO GOLPE NA TUBERCULOSE

Agora é para valer: o combate à tuberculose - a doença que mais mata no mundo - entrou na era da engenharia genética. Cientistas norte-americanos e brasileiros, trabalhando na Universidade Cornell, em Nova York, identificaram e isolaram o gene que torna a *Mycobacterium tuberculosis* capaz de sobreviver dentro do organismo. O gene pode ser a chave para impedir que 3 milhões de pessoas morram a cada ano. Todo o perigo dessa bactéria reside numa ardileza: ela penetra à força em células de defesa especiais, cuja função é justamente engolir e destruí-las. Dentro das células - os macrófagos - a bactéria fica, ironicamente, protegida. A tática mais direta para combatê-la, então seria impedi-la de penetrar nos macrófagos. (...)

(FSP, 24 set. 93)

Texto nº 14

AGRESSIVIDADE LIGADA  
À DOENÇA E PRECONCEITO

A antiga crença na existência de uma personalidade específica do epilético (irritável e explosivo), criou o preconceito de que esses doentes são sempre agressivos. (...)

Outro problema para alguns pacientes é uma irritabilidade aumentada quando estão próximos de ter uma crise. Esses quadros normalmente desaparecem com um melhor controle medicamentoso da epilepsia. Ironicamente, porém, em 10% dos pacientes esse quadro piora com a diminuição das convulsões. O médico pode então facilitar o seu aparecimento para melhorar o quadro psíquico. (...)

(FSP, 30 ago. 93).

2.4.1 A Análise do Corpus

A análise do **corpus** utiliza como instrumental as três constantes e o conjunto de condições que devem ser compartilhados entre X e a audiência.

Os textos de nº 1 a nº 10 são prototipicamente irônicos. Os textos de nº 11 a nº 14 são exemplos periféricos que, apesar de incluírem o termo ironia, não podem ser considerados como tal. Vejamos:

O título do texto nº 1 explicita o termo ironia focalizando para a audiência uma área específica de conhecimento e avançando expectativas ao enfatizar o propósito da fala do deputado.

O pedido de retratação é desviado em sua significação inicial no texto para tirar fotos; a **mea culpa** para a conversão. A inversão semântica operada pelo deputado apresenta dois aspectos: a retratação (dar explicações) é minimizada pela

conotação pejorativa de retratar (tirar fotos). A expressão **mea culpa** é revalorizada pela idéia de conversão. Em ambos há um dado cultural a ser considerado. O retratista, o retrato, são formas lingüísticas em desuso. Apenas no interior de alguns Estados sua utilização é corrente. Nas grandes cidades a figura do retratista é estigmatizada socialmente. É o que tira fotos nas praças, nas ruas, com a sua barraca móvel e as fotos de qualidade suspeita. É o saltimbanco das imagens. O retrato não é a foto. O fotógrafo é o artista, logo, o resultado de seu trabalho não pode ser igualado. É uma valoração que estigmatiza uma forma para valorizar a outra. A foto está ligada ao cinema e este às artes mais sublimes. Os clichês transformaram os retratos em meras expressões faciais. A conversão, por sua vez, está intimamente ligada ao fato religioso, místico, de elevação espiritual. Converter-se é salvar-se.

A apropriação desses dados pelo deputado não é casual. A necessidade de elaboração cuidadosa da estratégia a fim de avaliar negativamente e, simultaneamente, não ferir suscetibilidades, segue um velho adágio político, "não há amigos nem inimigos eternos", pode-se precisar do Outro amanhã.

O contexto situacional apresentado no texto: Assembléia Nacional Constituinte, Campanha Parlamentarista, etc, são informações dadas, isto é, permitem a sua recuperação a partir da leitura do texto precedente. No jornalismo é freqüente a utilização da **suíte**, que consiste no desdobramento de um fato por várias edições. Nos dias subseqüentes ao acontecimento inicial, os jornais têm por praxe apresentar, seja em um **box** ao lado da notícia ou incluso no próprio texto desdobrado, o fato

gerador. Com isto, a audiência mantém um certo grau de similaridade com o articulista no que se refere ao conhecimento de mundo.

A representação do mundo pelo texto nunca coincide exatamente com o mundo real, uma vez que há sempre a mediação dos conhecimentos, dos interesses e dos objetivos dos que o produzem. Neste aspecto ganha importância a existência das constantes que permitem focalizar para um ponto determinado a atenção da audiência.

Considerando o contexto situacional apresentado pelo texto nº 1, a audiência tem recursos para rejeitar o sentido literal e apontar a avaliação desdenhosa.

A existência de uma tipologia própria para os discursos políticos que se apresentam, constantemente, sob a forma indireta,<sup>25</sup> dizendo e não-dizendo alguma coisa, também é levado em conta pela audiência. Tanto Collor, quanto Ulysses, não falam explicitamente. Sugerem a avaliação negativa que será apontada com base nas informações compartilhadas.

O texto nº 2 já traz no título a base de cálculo para que a audiência encontre um sentido diferente para o enunciado disfarçado. Pode parecer que estes exemplos prototípicos são evidentes em demasia, uma vez que a menção da palavra ironia nos títulos poupa o trabalho de busca por parte dos leitores. A objetividade com que os jornais devem trabalhar, pelo menos quando se trata de notícias, deve evitar ao máximo as inferências não-autorizadas. Daí, a preocupação do articulista ao mencioná-la.

<sup>25</sup>OLIVEIRA, J. A. Significando algo mais. Revista Com-Texto, Ponta Grossa-Departamento de Comunicação Social (no prelo).

Mas, mesmo que o termo ironia não fosse mencionado no texto nº 2, a audiência não teria dificuldades em apontá-lo no enunciado de Foreman: "eu provavelmente me tornaria campeão mundial para sempre se a organização permitisse a nós, lutadores, comer entre os assaltos".

Em primeiro lugar, o perfil de um lutador de boxe não se coaduna com o de alguém que come em demasia. Há limites rigorosos estabelecidos pelas ligas mundiais a respeito. A audiência não pode deixar de inferir que alguém velho e gordo, obviamente, não terá a agilidade necessária para lutar.

O ironista minimiza sua condição decadente com a ironia. Há uma defocalização de seu perfil para o ato de comer que permite, por exemplo, a inferência: campeão mundial em glutonice = campeão mundial em gordura, etc.

Foreman não diz, "eu estou gordo e velho". Diz, indiretamente, "como em demasia" a fim de se justificar perante uma situação corrente nos países Ocidentais que é a rejeição - pelo menos no século XX - do excesso de peso. Se Foreman fosse lutador de sumô, luta típica japonesa, em que os contendores têm esta característica, seu enunciado não teria o caráter avaliativo. Como é lutador de box, onde a agilidade é fundamental, mesmo para os lutadores da categoria peso-pesado, a audiência tem uma base de cálculo segura para apontar o disfarce do enunciado.

No texto de nº 3, por exemplo:

(...) como usar coroa e paramentos de um rei se a gravata só vive torta (...)

A esposa do empresário não diz explicitamente: "você é um desleixado". A avaliação negativa estabelece uma relação com os possíveis bons modos e a etiqueta da realeza<sup>26</sup> e que Ermírio, por não se enquadrar nos mesmos, não pode usar os símbolos do poder real. O interessante é que a avaliação se direciona aos paramentos e não à condição de o empresário assumir o posto. O inconsciente se trai pelo lingüístico.

De qualquer forma o disfarce é aparente e a partir de informações amplamente difundidas para a sociedade: o plebiscito, Casa Real, Antonio Ermírio de Moraes - o maior empresário do país, a audiência percebe a constante irônica.

O empresário também usa da ironia no referido texto:

(...) o título estaria mais para Collor do que para mim (...).

Em que avalia o comportamento dândi do presidente. A transferência da primazia pelo uso do título não é pelos méritos pessoais, mas pelo narcisismo exacerbado de Collor.

Há dois enunciados disfarçados. Duas avaliações negativas intencionalmente produzidas e que focalizam informações dadas pela imprensa. Desta forma, da perspectiva da recepção, não se pode afirmar que há fatos obscuros que dificultem a localização das constantes no texto.

Em ambos os casos o humor e a brincadeira estão associados à ironia. O rocambolesco da situação não é a instalação do plebiscito, mas o resultado da pesquisa. Como pode ocorrer futuros aproveitamentos eleitorais deste fato, a sátira foi

<sup>26</sup>Nem sempre um exemplo a ser seguido pela plebe.

deixada de lado. Não convém ferir a suscetibilidade dos leitores/eleitores.

O texto de nº 4 não tem ironia ao colocar filme sem graça em catálogo de comédia, mas em falar da mania que Hollywood tem de plagiar a si mesma e da saga antropofágica que singelamente vai devorando todos os gêneros até reduzi-los a pó. Não é difícil para a audiência perceber a intenção avaliativa e aceitar, dado o contexto de muita embromação: "muito açúcar para pouca massa, entre um enjôo e outro", que a Meca do cinema se transformou em biodigestor.

Só pode ser ironia o filme estar catalogado como comédia nas locadoras.

Está impregnado de desdém para a farsa do humor que os dois vigaristas tentam passar ao público.

O texto de nº 5, o irônico auto-retrato de Dalton Trevisan, traduzido como "Quem tem medo do vampiro?", é um exemplo de que a própria audiência que compartilha com o ironista de um mesmo conjunto de condições pode ser a vítima da ironia. Trevisan dissimula, como nos discursos socráticos, a intenção de se mostrar com poucos e poucos recursos a fim de alcançar seus objetivos: o de mostrar que somos todos joões e marias cabotinos, imersos em pequenos dramas cotidianos. Dalton sabe que a audiência sabe que ele sabe mais de 80 palavras, no entanto se auto-ironiza, como a fim de nos conduzir também a uma auto-avaliação (que revelaria um pouco de vampiro, de elefante, dândi, polaquinha ou polaquinho, pombinha, ébrio assassino

e comedor de bolacha Maria sobre os lençóis em cada um de seus leitores).<sup>27</sup>

Quem tem medo do vampiro? A Otília?<sup>28</sup> Ou todos os que têm seu pequeno universo devasado pela verve do escritor? Repetitivos, fabricados em série, pornográficos e grosseiros, vocabulário limitado. Nenhum destes atributos pode ser ligado à figura de Trevisan. A avaliação que o vampiro realiza é como sua própria atitude em relação à mídia: não se deixa fotografar e não dá entrevista. Há sempre o disfarce. Para as audiências que compartilham do mesmo conjunto de condições que o escritor, o vampiro sempre destilou ironias.

O texto de nº 6 requer pouco esforço da audiência. Expressões rotinizadas pelo uso, como "mar de lama, lodaçal", etc têm baixo teor informacional. O contexto situacional envolvendo o Congresso Federal, a Esplanada dos Ministérios, o Lago, ocupam espaço diário na imprensa falada e escrita do país.

(...) se o hóspede quer apartamento com vista para o mar. "De lama" (...).

A existência de uma paródia: "vista para o mar", em pleno cerrado goiano, reforça para a audiência a intenção avaliativa presente.

O texto de nº 7 apresenta:

(...) adoro vir a esses saraus da sociedade civil (...).

<sup>27</sup>Características apresentadas por personagens dos contos de Dalton Trevisan.

<sup>28</sup>Dona de um dos mais famosos bordéis de Curitiba décadas passadas.

Onde o vereador petista avalia o encontro do Movimento Brasil, comparando-o com um sarau. Adoro = detesto, encontro político = sarau. Ninguém chama um encontro político de sarau, que é um encontro dançante, com o objetivo de elogiá-lo. Para a audiência não há dificuldades em fazer esta inferência.

O texto de nº 8:

(...) se eles fossem meus alunos seriam reprovados sem direito à reavaliação (...).

Onde a (in) competência dos técnicos que apresentaram dúvidas sobre o preço estabelecido para a venda da Usiminas é avaliada, disfarçadamente. Erros crassos na escola não são admitidos. Sem direito à reavaliação presume que as dúvidas dos técnicos são deste nível. O conhecimento de mundo da audiência pode não saber que Montoro Filho é professor, mas a referência utilizada por ele é de conhecimento universal.

O texto de nº 9 remete para o contexto situacional em que o Brasil disputa uma vaga na Copa do Mundo e os torcedores se arvoram em defender este ou aquele para ser o técnico da seleção.

(...) de repente a goleada sobre a Bolívia teve o efeito de uma vitória sobre a Alemanha em final de Copa do Mundo.

Onde Groisman avalia a euforia motivada pela goleada sobre a fraca seleção da Bolívia, país sem tradição no futebol. A audiência, a partir de um mesmo conhecimento sócio-cultural, evoca as grandes manifestações cívicas realizadas por ocasião de vitórias em campeonatos mundiais, como o de 1970, por exemplo, para perceber que é um evidente exagero ... irônico que

se presta a manifestar o desdém do ironista pelo fato. A comparação da seleção andina com a alemã é proposital e reforça o caráter hiperbólico do enunciado.

O texto de nº 10 focaliza um conhecimento amplamente compartilhado: um Congresso que não atenta para os interesses da Nação. As informações dadas cotidianamente permitem à audiência detectar o disfarce nos enunciados do presidente da OAB:

(...) felizmente temos um Congresso altamente comprometido com os interesses da Nação.

E apontar a avaliação negativa existente no mesmo.

O texto de nº 11 não pode ser considerado irônico apesar da presença da palavra ironia e da tentativa do autor da matéria em insinuar um fato incongruente no **lead** (abertura) da mesma.

Não entendemos como violação de crenças o fato de o Rio de Janeiro, ou qualquer outra cidade brasileira, ter uma delegacia de proteção ao homem. Já existe a delegacia de proteção à mulher, e os casos de violência não são unicamente contra o chamado "sexo frágil". Dentro do princípio de que todos são iguais perante a lei, citado no texto pelo governador, é crível um setor policial para atender especificamente casos de violência contra os homens.

Há uma tentativa do articulista em ridicularizar a declaração de Brizola, como se uma pessoa com mais de 60 anos não pudesse ser vítima de assédio sexual. Não é costumeiro, mas o carisma, a posição política, o papel histórico, e o charme

dos "sessentões" sempre atrai olhares apaixonados das Lolitas.<sup>29</sup>

Não trabalhamos com a hipótese defendida por SPERBER e WILSON de que a ironia é uma variedade de uma interpretação refletida de um pensamento, logo, a inexistência do disfarce no enunciado, o malogro da avaliação negativa, fazem com que "ironias à parte" mencionada no texto perca o seu potencial como base de cálculo para a audiência.

A audiência não pode ficar em um jogo de adivinhações, isto é, tentar adivinhar se X é irônico ou não. As constantes são a resposta. Na sua ausência, pode-se até postular que o autor do texto teve o objetivo de ser irônico, mas não deixou possibilidade para que a audiência o apontasse.

O texto de nº 12:

É uma ironia. Está ficando difícil obter material para a pesquisa (...).

Contém uma clara avaliação negativa em relação ao contexto situacional, mas defalcada do disfarce. Não tem a força de uma estratégia cuidadosamente preparada a fim de obter melhores e mais eficazes efeitos junto aos leitores, como um enunciado figurativo que buscasse associação com a sátira, o humor, a brincadeira, etc.

O texto de nº 13:

(...) a bactéria fica, ironicamente, protegida (...).

<sup>29</sup>Lolita. Romance de Vladimir Nabokov que trata do amor de um homem de meia idade por uma adolescente. Ed. Abril Cultural, 1981.

Desprotegida fica a audiência que não tem uma pista de cálculo segura para apontar a ironia na matéria. A contradição existente na ardileza da bactéria que penetra as células encarregadas de destruí-la é que o autor do texto pretende apresentar como irônico? Em caso positivo, faltou o disfarce. Pode-se inferir uma avaliação negativa presente mas a estratégia peca pela falta de outra constante.

O texto de nº 14:

Ironicamente, porém, em 10% dos pacientes esse quadro piora (...).

A simples menção da palavra ironia não transforma a passagem do texto em irônica. Se, neste caso, o autor pretende remeter o leitor para o sentido inverso ou, sinalizar que este trecho deve ser entendido de modo oposto, seria mais coerente empregar outros termos. Continuamos ressaltando que esta utilização indiscriminada da ironia é responsável pela enorme confusão em sua volta. Sem uma das constantes, neste caso o disfarce, o texto não se enquadra dentro dos modelos prototípicos.

Em suma: utilizamos no **corpus** 14 textos, sendo 10 caracterizados como exemplos prototípicos pelo fato de a audiência poder apontar, a partir de um conjunto de condições compartilhadas, a presença das constantes nos enunciados.

Isto quer dizer que encontramos nos mesmos o uso de um discurso deliberado e **propositalmente elaborado** pelas pessoas a fim de realizar suas intenções comunicativas. Este discurso se apresentou **disfarçado** e a sua aceitação por parte da audiência incluiu a disposição ativa de reconstruí-lo com senti-

do diferente do que foi apresentado literalmente. O propósito comunicativo, por sua vez, prestou-se a uma **avaliação negativa** (menosprezo, desdém, julgamento, etc).

Os textos não-irônicos se caracterizaram pela ausência de uma das constantes, especificamente o disfarce. Entendemos que um enunciado só pode ser caracterizado como irônico se conter as três constantes, de forma que a mera menção da palavra ironia não é garantia para tal.

A idéia de que as constantes devem estar presentes no enunciado para que o mesmo seja apontado como irônico é uma tentativa de por fim à maciça utilização da palavra ironia. É freqüente as pessoas confundí-la com a sátira, o humor, a brincadeira. Mas o que ocorre é a associação da ironia com estes fenômenos para implementar seu alcance, sua eficácia. Mesmo nessas atuações conjuntas, as constantes devem estar presentes, assegurando uma identificação para a ironia como uma espécie de hegemonia em relação aos seus associados.

### 3 SACAR, EIS A QUESTÃO!

*For the good understander, few words:  
for the bad, too many.*

Nosso objetivo neste capítulo é demonstrar que nos casos em que o conhecimento compartilhado entre X e a audiência é parcial ou, o ironista, visando implementar a sua estratégia, utiliza de recursos lingüísticos e estilísticos estranhos aos interlocutores, cria dificuldades para a localização das constantes.

Pode ocorrer que os recursos utilizados pelo ironista encobrem de tal forma as constantes que as pistas existentes se revelam incapazes de auxiliar a audiência. Como apontar a presença das constantes não se trata de jogo adivinhatório, postulamos a necessidade de um modo diferente de compreender que chamaremos de **grasping** ou **sacar**.

O sacar será utilizado pela audiência a fim de perceber as mudanças de níveis que ocorrem durante a comunicação humana, oral ou escrita. Estas mudanças constituem uma base de cálculo que não podem ser negligenciadas na busca da ironia. Estão sempre presentes e no caso onde o conhecimento compartilhado entre X e a audiência é maior, há maior familiaridade com o assunto, etc, a audiência tem pistas muito mais explícitas para auxiliá-la e este fato pode ser deixado de lado.

No que se refere a esta idéia procuramos apoio no trabalho de Marcelo DASCAL e Isidoro BERENSTEIN.<sup>1</sup>

### 3.1 GRASPING - SACAR

#### **X é irônico?**

No trabalho de responder a esta pergunta e identificar uma das constantes, a audiência faz uso de informações lingüísticas, contextuais, e depende da existência de vários sistemas de regras: fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, além de uma ampla gama de restrições sociais que governam a interação em geral.

Algumas destas regras são algorítmicas, outras heurísticas e a comunicação tem seu prosseguimento assegurado na suposição de que X e a audiência compartilham e seguem um número considerável das mesmas. Segui-las, então, constitui requisito essencial para a tarefa de produção-compreensão do discurso que se apresenta. É óbvio que esta tarefa varia consideravelmente de acordo com os diferentes contextos ou durante a mesma troca comunicativa.

Se, seguir estas regras pode ser relacionado com o Princípio de Cooperação, perceber a mudança de nível de compreensão do interlocutor mantém a idéia de que o mesmo está sendo cooperativo e age assim para implicar uma nova etapa de raciocínio que pode ou não ser irônica.

<sup>1</sup>DASCAL, Marcelo ; BERENSTEIN, Isidoro. Two modes of understanding and grasping. Netherlands Institutes for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences. 26 p. (Texto mimeografado).

Da perspectiva da recepção, sacar não é só um problema de seguir regras, o que o reduziria à percepção de uma implicatura. É muito mais uma questão de determinar quais são as regras a serem seguidas a cada mudança de nível.

Nós temos o sacar como um fato necessário e pressuposto. De uma certa forma uma pré-condição para a comunicação, pois é preciso que a audiência determine com precisão em que nível de entendimento o interlocutor está operando. Isto é: qual o conjunto de regras que está aplicando naquele momento.

X, por sua vez, considerando o tipo de compreensão que espera, deve indicar claramente qualquer mudança de nível. Isto se torna muito mais necessário nos textos que na oralidade.

Nos textos, por exemplo, a mudança de nível operada por X em direção à ironia serve como pista de cálculo para que a audiência procure as constantes a seguir. Isto na hipótese de as constantes não estarem explicitamente citadas ou a parcialidade do conhecimento compartilhado não permitir que se localize prontamente esta condição ou, ainda, que isto faça parte da estratégia do ironista, que as citou de forma tão obtusa para implementar seus efeitos.

De qualquer forma, mesmo que aparentemente o ironista pareça estar contrariando o pressuposto de que as ironias são produzidas para serem reconhecidas como tal, dado o grau de não-transparência do enunciado, as pistas que deixar para indicar a mudança de nível de entendimento desmentirão este fato, pois levarão à inferências que culminarão na avaliação negativa e no disfarce.

Sacar envolve bem mais do que detectar o que está assinalado, o que pode ser dito e o que não-pode ser dito, ou como

é dito e por quem é dito. Não é uma simples inferência que preenche esta ou aquela lacuna.

É como um jogo entre os interlocutores, em que a falta de elementos que avancem expectativas da audiência em relação às constantes faz com que ela aceite a negociação de modo temporário sacando a mudança de nível, mas só concretizando a operação quando detectar a avaliação negativa e o disfarce.

Há o risco de erros de interpretação se houver grau zero de conhecimento compartilhado. Por exemplo: durante a campanha eleitoral de 1990, no último debate entre os candidatos à presidência, o candidato Collor disse para Lula: "Eu não tenho uma aparelhagem de som como o senhor". A partir do contexto em que foi produzido o enunciado, das informações disponíveis para a audiência, as inferências levavam à ironia. Posteriormente, a imprensa denunciou que a intenção de Collor ao fazer a afirmação foi a de ameaçar Lula com a divulgação de fatos referentes ao presente que o candidato petista deu para uma "amiga" enfermeira. O presente foi um aparelho de som. Só os dois oponentes e poucos assessores diretos sabiam realmente do que Collor estava falando naquele momento. Os que desconheciam o fato não puderam sacar a mudança de nível de entendimento, sendo induzidas ao erro de interpretação.

Collor, durante a campanha, utilizou constantemente a declaração: "Vamos acabar com os descamisados do Brasil", que entusiasmou milhões de eleitores. A audiência não sacou que a regra a ser aplicada na compreensão do discurso, quando ocorriam os exageros verbais, mudava para a dos Coronéis do Nordeste, velhos politiqueiros, cuja verve utiliza mecanismos retóri-

cos habituais como a hipérbole. O cancionero popular (repentistas) há muito canta esse tipo de procedimento.

(...) muito mais que Coroné,  
era mestre em aumentá (...).<sup>2</sup>

O fato é que sacar é necessário para que a audiência perceba que X mudou de nível de entendimento convergindo para a ironia. Não é como uma inferência que se destina a preencher espaços. É uma modalidade de interpretação pragmática que está preocupada em determinar quais são as regras que estão sendo aplicadas no momento da conversação. Utiliza elementos lingüísticos e paralingüísticos e não prescinde de um mínimo de conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Alguém pode questionar, por exemplo, que o texto de nº 11, "Brizola reclama de assédio sexual" foi considerado não-irônico em nossa análise pela desconsideração do devido **grasping**, já que o repórter estaria operando ao nível da utilização das palavras para significar algo mais<sup>3</sup> e não ao nível da mera descrição dos fatos. E que o significado do falante (**speaker meaning**) tem uma conotação negativa manifestada a partir de trocadilho delegacia do homem e delegacia da mulher.

Uma colocação desta espécie é viável, mas mantemos o ponto de vista de que a ausência de pistas nos remete ao jogo de adivinhações. No referido texto não há indicações de mudança de nível ou que a descrição seja irônica. O repórter faz a

<sup>2</sup>Zé do Quitinhonha (pseudônimo). Repentes. A morte do coronel. São Paulo, Ed. do autor, |19--|. 20 p.

<sup>3</sup>Ver OLIVEIRA, J.A. Significando algo mais.

projeção de um fato, a criação da delegacia do homem, que não é satírica, mas verossímil. Principalmente após Lorena BOBITT.<sup>4</sup> Se, na ocasião o caso Bobbitt não estava em pauta, existem Lorenas nas favelas do Acari, Rocinha, Jorge Turco, que podem recomendar a proteção ao "sexo forte".

Os recursos lingüísticos e retóricos utilizados pelo repórter não são suficientes para evidenciar um uso indireto para o seu discurso. Para a audiência fica difícil sacar sem um ponto de apoio concreto. O risco é cair na especulação e no "achismo" de que o autor do texto está em outro nível de entendimento. É preciso considerar também que a partir de um mínimo de conhecimento compartilhado a audiência sabe que o governador do Rio é um homem intransigente na defesa de seus direitos.<sup>5</sup>

O texto a seguir é um exemplo onde o sacar se faz necessário para a audiência chegar à ironia:

O massacre dos meninos deixa a nu a sordidez interna do sistema brasileiro. O massacre dos índios é mais geral. Ele denuncia toda a nova ordem mundial da qual o Brasil tenta tropeçadamente participar. Não matamos os índios apenas porque estão no caminho do progresso. Nós exterminamos índios e crianças porque eles nos incomodam com sua fragilidade num mundo onde a qualidade é a truculência. Há no desejo de matar crianças e no desejo de massacrar índios um ponto comum: exterminar a inocência, e mais,

<sup>4</sup>Lorena Bobbitt foi absolvida no dia 21 de janeiro de 1994 pela justiça norte-americana da acusação de castrar o marido por motivo de "insanidade temporária". Folha de São Paulo, 25 jan. 1994.

<sup>5</sup>POERNER, Artur. Brizola, quem é? Rio : Terceiro Mundo, 1989. 56 p.

a inutilidade, a limalha, as sobras da produção. A lógica maquínica produtiva tende a limpar os excessos, o desnecessário. Surgiu uma nova moda de massacres no mundo, mortes coletivas no Peru, em Waco, Texas, Bósnia. Rituais de raspagem, de extermínio do inútil na produção. Os índios têm a gratuidade da arte sem mercado. O espiritual é ilógico, o artístico é ilógico, o selvagem é ilógico. Há que exterminá-los para que a nossa vida seja crível.

Querem punir os garimpeiros massacradores. E quem vai punir uma Funai incompetente, quem vai punir o déficit público provocado pelas elites das estatais, quem vai punir os venezuelanos de fronteira que estimulam os índios a alcaguetar os garimpos, quem vai punir os governadores que distribuem serras elétricas para ganhar votos, quem vai punir os missionários americanos loucos na floresta impondo um anglicanismo estratégico aos índios, quem vai punir os importadores ingleses de mogno com seus priminhos que protestam, quem vai punir os fabricantes da fome no país?

O desesperante no índio é que, diante deles, todos nós viramos o Mal. Diante deles surge o beco sem saída do Ocidente. Não há nenhum equipamento neoliberal para proteger os inocentes do mundo. A imensa deficiência assistencial do capitalismo - tão eufórico há pouco tempo - fica visível. Vejam a guerra da Iugoslávia, vejam os desempregados do mundo, vejam a África, vejam os mendigos de Nova York.

O mais ridículo é a indignação internacional, como se o problema fosse ser resolvido pela consciência do problema. Como soam inúteis esses humanistazinhos barbudos entregando cartinhas em nossas embaixadas, diante do pavor do nosso Haiti. Cada vez mais o mundo se dividirá entre os que lamentam o inferno e os que vivem nele. São duas morais, duas mortes, dois conceitos de crime, duas honras, dois desesperos. O mais apavorante é também sabermos que nunca haverá solução para este problema. A pequenez do velho Estado brasileiro cada vez fica mais nítida, diante do tamanho do erro brasileiro.

Não resolverá nada este velho gigante incompetente, enquanto não for substituídos por uma nova estrutura de poder mais moderna, menos totalizante e incapaz.

Maurício Corrêa e Aristides Junqueira, como dois hamlets com crânios na mão em plena selva, davam uma imagem patética da presença do Estado. Como são pequenos diante do milênio, com seus rostos compungidos diante da impossibilidade de governar...

Só falta agora esperar umas semanas, até que um novo escândalo faça este crime sumir em **fade-out**.

Só as últimas palavras do capitão Kurtz dão conta deste enigma no coração das trevas: O HORROR, O HORROR!

(FSP, 23 ago. 93).

O texto do articulista da Folha de São Paulo, Arnaldo JABOR, remete a audiência para muitos referentes. Linha por linha, Jabor vai enumerando as truculências que se sucedem em várias partes do mundo e o rastro de impunidades que as rodeiam.

Do 1º ao 4º parágrafo, o texto é uma constatação indignada da violência que grassa no mundo. A partir do 5º parágrafo, Jabor começa a procurar motivações e a questionar a fim de encontrar uma saída para o caos.

Há um caráter de jogo no texto, próprio dos roteiros cinematográficos (Jabor é cineasta), onde cada enunciado tem o seu motivo desvelado a seguir. Mais ou menos como uma informação e uma opinião, ou o inverso. O massacre dos índios e a nova ordem mundial. A morte dos inocentes e o eliminar as sobras da produção. A cada imagem segue uma imprecisão velada. Neste ritmo, conduz à suspeição de que momentos está em um nível de entendimento, momentos em outro.

Este jogo abre caminho para o disfarce da avaliação negativa. A imagem dos dois representantes do Poder Público no meio da selva em oposição a do Príncipe da Dinamarca. A primeira, legendada, fria, impessoal. A segunda, significativa, ressoa: governar ou não governar, eis a questão.

Os dados permitem às audiências, inclusive a que compartilha parcialmente com o autor de um mesmo conjunto de condições, apontar enunciados disfarçados e avaliativos: "Como soam inúteis esses humanistazinhos barbudos entregando cartinhas em nossas embaixadas diante do pavor do nosso Haiti".

No entanto, é preciso perceber que o ritmo imposto pelo autor instala a ironia em todo o texto, não apenas aqui ou acolá. Como não são muitos os que leram Shakespeare, assistiram ao filme **Apocalypse Now**,<sup>6</sup> onde o capitão Kurtz diz: o horror, o horror; o **grasping** é necessário. Se isto não ocorrer, o texto sumirá em **fade-out**.

<sup>6</sup>Filme de F. Coppola sobre a Guerra do Vietnã.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o tempo, a ironia passou por várias transformações. O que era um tropo retórico ou estilo de discurso transforma-se em intenção metafísica, paradoxo, consciência do caos, distanciamento, insinceridade. Não só assumiu diferentes sentidos como ainda hoje, encontra-se em desenvolvimento.

Não encaramos isto como ruim, porque inserida na dinâmica da existência humana, flui ao sabor dos seus usuários que a utilizarão conforme as conveniências, propósitos e situações.

A história curiosa que aludimos no início deste trabalho é o relato dessa flutuação de sentidos e que nos permitiu localizar uma tênue linha que se manteve ao longo dos séculos.

Esta constante, ou seja, a idéia de que todas as ironias são intencionais, disfarçadas e constituem avaliações negativas pode parecer "monolítica". Afinal, a ironia é utilizada desde a Samoa até no Brasil.

Dentro desta universalidade talvez um guerreiro papua possa chamar de ironia ao fato de "abrir a cabeça de um adversário". Um funcionário burocrata do Banco do Brasil intitular como irônico ao texto que transmite pelo correio eletrônico. Ou quem sabe o guerreiro chame de Papalagui<sup>1</sup> ao seu ato e o

<sup>1</sup>Pronuncia-se Papalágui. É o "Branco" o "Estrangeiro". Fonte: O PAPANAGUI. 2. ed. São Paulo : Marco Zero, |19--|.

tecnocrata de  $Z^2$  ao seu texto. Não importa. O fato é que necessitamos de uma definição de trabalho e as constantes se apresentam como tal. Temos um objeto a ser estudado e reconhecido com certa segurança e, cremos, não nos colocamos fora da tradição:

Cada qual, pois, julga retamente aquilo que conhece, e disto é bom juiz. Daí o ser bom juiz nos pormenores quem neles é instruído, mas julgará absolutamente bem aquele que seja instruído em tudo.<sup>3</sup>

Por sua vez, as constantes não podem prescindir de um conjunto de condições compartilhadas entre X e a audiência para serem apontadas. Quanto maior for a intimidade, conhecimento das idiosincrasias, correspondência de grau no que se refere ao conhecimento de mundo, mais facilmente serão localizadas.

De uma certa forma as ironias são mais eficazes entre as pessoas que se conhecem bem. Difícil é estabelecer qual o nível dessas aproximações entre os interlocutores, pois o conhecimento de cada sujeito é variável e as situações que se apresentam são díspares.

No que toca aos textos jornalísticos, partimos do pressuposto de que operam com uma gama de informações que são de domínio público. Que os articulistas costumam deixar margem considerável de pistas para que a audiência faça os seus cálculos de sentido.

<sup>2</sup>Codificação fictícia.

<sup>3</sup>ARISTÓTELES. A ética. Rio de Janeiro : Tecnoprint, p. 26.

Como não se pode esperar uma correspondência total entre as pessoas, diferentes mediações serão feitas a partir de propósitos e objetivos particulares.

Nossa intenção foi o de estabelecer um caminho mais seguro para apontar a ironia nesses textos. Um caminho que evite a proliferação do termo "irônico" e que se perde nas mais diversas associações.

Embora o velho adágio: "O inferno está cheio de bem intencionados", tivermos a melhor delas. Se pecamos pela falta de rigor, lembramos Xenofontes: "Ninguém erra voluntariamente".

Nesta busca, estamos longe de esgotar o assunto. Ficam em aberto mais questionamentos que as respostas que pudemos encontrar. À espera de futuras pesquisas estão, por exemplo:

- a) Que tipos de figuras de linguagem são freqüentemente associadas à ironia e quais os efeitos particulares resultantes dessas co-ocorrências?
- b) O ponto-de-vista Pós-Moderno é irônico? De qual perspectiva se faz esta afirmação? A ironia Romântica é reinstalada na atualidade?
- c) A associação da ironia com o humor constitui apenas mais um recurso à mão do ironista? Considerando o ponto de vista freudiano sobre o humor: o choque entre dois mundos heterogêneos ou incompatíveis, pode-se afirmar que é apenas um índice da ironia?
- d) Qual é o trajeto da ironia no Brasil? Como as escolas literárias e as diversas correntes que aqui vicejaram trataram do fenômeno? Existiu uma ironia Romântica tupiniquim?

- e) A ironia é o discurso não-sério ou o discurso não-sério é a ironia? Os efeitos obtidos por um e por outro são iguais?
- f) Que efeitos pode-se esperar da associação da ironia com a brincadeira?
- g) A ironia e o humor são "zonas limites"?
- h) A ironia tem uma função heurística? A ciência é irônica?

Assim como a ironia **sensu eminentiori** de Kierkegaard, não se pode aniquilar simplesmente o assunto. Na busca de sua totalidade permanecemos como o Judeu Errante, condenados a vagar eternamente, pois para cada aspecto revelado outro se coloca em seu lugar para ser ... desvelado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALLEMAN, Beda. De l'ironie en tant que principe littéraire. Poétique, Paris, n. 36, p. 385-398, 1978.
- 2 ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Rio : Tecnoprint, |19--|. (Coleção Universidade).
- 3 \_\_\_\_\_. A ética. Rio : Tecnoprint, |19--|. (Coleção Universidade).
- 4 AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre : Artes Médicas, 1990.
- 5 BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. Pesquisas de retórica, 1975. (Novas perspectivas em comunicação, 10).
- 6 BEAUGRANDE, Robert. ; DRESSLER, Wolfgang. Introduction to text linguistic. New York : Longman, 1981.
- 7 BOLLOBÁS, Enikő. Who's afraid of irony? An analysis of uncooperative behavior in Edward Albee's who's afraid of Virginia Woolf? Journal of Pragmatics, v. 5, p. 323-334, 1981.
- 8 BOOTH, Wayne C. A rhetoric of irony. Chicaco : The University of Chicago, 1974.
- 9 BORNHEIM, Gerdo (Org.). Os filósofos pré-socráticos. 3. ed. São Paulo : Cultrix, 1977.
- 10 CASTRO, Maria Lídia de. A intertextualidade e a articulação irônica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, Recife, 1990. Anais... Recife : ANPOLL, 1990.
- 11 CÍCERO, M. T. Obras. São Paulo : Cultura, 1942.
- 12 DASCAL, Marcelo. Pragmatics and the philosophy of mind I (thought in language). Amsterdam : Benjamins, 1983.
- 13 \_\_\_\_\_. The pragmatic in psycholinguistics: problems and perspectives. Theoretical Linguistics, n. 15, 1988.
- 14 \_\_\_\_\_. ; BERENSTEIN, I. Two modes of understanding: comprehending and grasping. Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Science, |19--|. 26 p. Texto mimeografado.

- 16 DURANT, Will. A filosofia de Aristóteles. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|.
- 17 \_\_\_\_\_. A filosofia de Platão. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|.
- 18 EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Rio de Janeiro : Zahar, 1993.
- 19 FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1978.
- 20 FICHTE, J.C. Os pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1980.
- 21 GEUKENS, Steven K. J. The distinction between direct and indirect speech acts. Journal of Pragmatics, v. 2, p. 261-276, 1978.
- 22 GRICE, H.P. Futher notes on logic and conversation. In: COLE, P. (ed.). Pragmatics and semantics, 9. New York : Academic Press, 1978. p. 113-127.
- 23 \_\_\_\_\_. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (eds.). Syntax and semantics 3: speech acts. New York : Academic Press, 1975.
- 24 GUERREIRO, M. A. L. O dizível e o indizível: filosofia da linguagem. São Paulo : Papyrus, 1989.
- 25 HANK, Michael. Socratic pragmatics: maieutic dialogues. Journal of Pragmatics, v. 14, p. 459-465, 1990.
- 26 HARMSSEN, Bernardo. Cícero, antologia. Petrópolis : Vozes, 1959.
- 27 HAVERKATE, Henk. The problem of direct and indirect speech act: a referencial approach. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTICS, 13., Tokio, 1982. Proceedings...
- 28 \_\_\_\_\_. A speech act analyses of irony. Journal of Pragmatics, v. 14, n. 72-109, 1990.
- 29 \_\_\_\_\_. Strategies in linguistic action. Journal of Pragmatics, v. 7, p. 637-656, 1983.
- 30 HUTCHEON, Linda. Ironie et parodie: stratégie et structure. Poétique, Paris, n. 36, p. 467-477, 1978.
- 31 KAUFER, David. Irony and rhetoric strategy. Philosophy and Rhetoric, v. 10, n. 2, p. 90-110, 1977.
- 32 \_\_\_\_\_. Understanding ironic communication. Journal of Pragmatics, v.5, p. 495-510, 1981.

- 33 KIERKEGAARD, S. O conceito de ironia constantemente referido à Sócrates. Petrópolis : Vozes, 1991.
- 34 \_\_\_\_\_. Ironia e humor como zonas-limites. Textos selecionados por Ernani Reichmann. Curitiba : Ed. UFPR, 1971.
- 35 KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça ; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e coerência. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1989.
- 36 KRAUS, René. Sócrates. 3. ed. Rio de Janeiro : Vecchi, 1968.
- 37 LE GUERN, A. Eléments pour une histoire de la notion d'ironie. Linguistique et Semiologie, v. 2, n. 44-59.
- 38 LEECH, Geoffrey N. Principles of pragmatics. New York : Longman, 1983.
- 39 LEVISON, S. C. Pragmatics. Cambridge : Cambridge University Press, 1983.
- 40 LIMA, José Pinto de (Org.). Linguagem e ação: da filosofia analítica à lingüística pragmática. Lisboa : Copimat, 1983.
- 41 MEY, Jacob ; LITTMAN, D. The nature of irony: toward a computational model of irony. Journal of Pragmatics, v. 15, p. 131-151, 1991.
- 42 MOSSÉ, C. O processo de Sócrates. Rio de Janeiro : Zahar, 1990.
- 43 MUECKE, D. C. Analyses de l'ironie. Poétique, Paris, n. 36, p. 478-494, 1978.
- 44 \_\_\_\_\_. The compass of irony. London : Methuem, 1969.
- 45 \_\_\_\_\_. Irony. London : Methuem, 1970.
- 46 OLIVEIRA, Ana Maria Dantas Cunha de Miranda. Contribuição para o estudo da ironia em Uma Campanha Alegre de Eça de Queiroz. Campinas, 1990. Tese (Mestrado) - UNICAMP.
- 47 OLIVEIRA, Jair Antonio. Significando algo mais. Revista Com-texto, 1993. (no prelo).
- 48 ORECCHIONI, Catherine K. L'ironie comme trope. Poétique, Paris, n. 41, p. 108-127, 1980.
- 49 PLATÃO. Apologia de Sócrates. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|. (Coleção Universidade).
- 50 \_\_\_\_\_. Diálogos. Rio de Janeiro : Tecnoprint, |19--|. (Coleção Universidade).
- 51 PLEBE, Armando. Breve história da retórica antiga. São Paulo : EPU/EDUSP, 1978.

- 52 POLLARD, Artir ; SATIRE, J. D. Jump. (eds.). Manchester University, 1969.
- 53 QUINTILIANO, M. F. Instituições oratórias. São Paulo : Cultura, 1944. v. 2.
- 54 ROHL, Ruth. A ironia: traço estilístico em Thomas Mann. Revista Letras, Curitiba, n. 39, p. 227-238, 1990.
- 55 SEARLE, John R. Os actos de fala. Coimbra : Almedina, 1984.
- 56 \_\_\_\_\_. Indirect speech act. In: COLE, P. ; MORGAN, J. (eds.). Syntax and semantics 3: speech acts. New York : Academic Press, 1975.
- 57 SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da literatura. 3. ed. Coimbra : Almedina, 1973.
- 58 SMITH, Barry. Ten conditions on a theory of speech acts. Theoretical Linguistics, v. 2, p. 312-330, 1984.
- 59 SÓCRATES. Os pensadores. Nova Cultural, 1987.
- 60 SPERBER, Dan. O simbolismo em geral. São Paulo : Cultrix, 1974.
- 61 \_\_\_\_\_. ; WILSON, D. Irony and the use-mention distinction. In: COLE, P. (ed.). Radical pragmatics. New York : Academic Press, 1981. p. 295-318.
- 62 THOMSON, J. A. K. Irony, an historical introduction. London : George Allen & Unwin, 1926.
- 63 TINDALE, C. W. ; GOUGH, J. The use of irony and argumentation. Philosophy and Rhetoric, v. 20, n. 1, p. 1-17, 1987.
- 64 TOLIPAN, Ricardo. A ironia na história do pensamento econômico. Rio de Janeiro : PNPE/PFEA, 1990.
- 65 VOSSIUS, Gérard-Jean. Rhétorique de l'ironie. Poétique, Paris, n. 36, p. 495-508, 1978.
- 66 WATZLAWICK, Paul. Pragmática da comunicação humana. São Paulo : Cultrix, 1970.
- 67 WELLEK, René. História da crítica moderna. São Paulo : Herderm 1967. v. 2.
- 68 WILDE, Alan. Modern irony and ironic imagination. Contemporary literature, v. 23, n. 2, p. 245-253, 1982.
- 69 WILSON, Deirdre ; SPERBER, Dan. Communication and cognition. Basil : Blackwell, 1986.

- 70 WILSON, Deirdre ; SPERBER, Dan. On Grice's theory of conversation. In: WERTH, P. (ed.). Conversation and discourse. London : Croom Helm, 1981. p. 155-178.
- 71 \_\_\_\_\_. ; \_\_\_\_\_. On verbal irony. U.C. London Working Papers in Linguistics, n. 1, p. 96-117, 1989,
- 72 \_\_\_\_\_. ; \_\_\_\_\_. Rhetoric and relevance. In: BENDER, J. ; WELLBERY, D. (ed.s). The ends of rhetoric: history, theory practice. Stanford : Stanford University Press, 1990. p. 140-155.